

CONSENSO GANHA FORMA

EANES QUASE CERTO

A questão da candidatura militar para a Presidência da República, ao contrário do que poderia parecer, não sofreu qualquer interrupção no fim-de-semana e continuou sendo motivo de análise e atenção por parte dos militares.

No sábado à tarde realizou-se uma importante reunião no forte de S. Julião da Barra com todos os conselheiros do Exército, à excepção do brigadeiro Pires Veloso.

Nela foi obtido o consenso de que a individualidade militar que as circunstâncias actuais mais indicam como candidato capaz de reunir larga base de apoio militar é o general Ramalho Eanes.

Recorda-se que Ramalho Eanes, para além de ser apontado como oficial que manteve um

importante equilíbrio no seio do Exército, é um militar muito ligado aos homens do 25 de Abril. Não surpreende, portanto, que os maiores defensores da sua candidatura sejam homens como Melo Antunes, Vítor Crespo e Sousa e Castro.

Há cerca de dois meses, numa reunião realizada no Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde pela primeira vez se falou dos futuros candidatos, foram eles que avançaram com essa hipótese.

Ontem, numa nova reunião em que voltou a estar ausente Pires Veloso, parece ter-se confirmado a tese defendida inicialmente, isto é, ter ficado quase concretizada a candidatura do general Ramalho Eanes.

É curioso verificar entretanto — como certos sectores políticos e os órgãos de Informação que os apoiam tentam salvar a face ao secretário-geral do P.P.D., quando este descaradamente iniciou aquilo que os próprios militares consideram a tentativa de instrumentalizar a candidatura de Ramalho Eanes.

O problema que agora se põe é saber se a esquerda que o povo escolheu nas últimas eleições, se o projecto de esquerda será bem servido com um homem como Ramalho Eanes.

Para já pelo menos, a direita tenta obter a paternidade da candidatura mesmo que para isso tenha que mistificar todos os acontecimentos de bastidores que à volta dela se desenvolveram.

PARTIDOS AGUARDAM

Em vésperas da reunião do Conselho da Revolução marcada para as 15.30 de amanhã, e na qual a questão da candidatura de um militar à Presidência da República será novamente analisada, os principais partidos políticos mantêm-se hoje na expectativa. Esta atitude, indicia que o assunto não está encerrado, ao

contrário de notícias vindas a lume no termo da semana passada.

Para o P.S. e para o P.P.D., as respectivas posições mantinham-se esta manhã nos mesmos termos em que haviam sido definidas logo após as eleições legislativas.

Assim, para o P.P.D., o momento é de espera. A sua «jogada de antecipação» em torno da figura do general Ramalho Eanes criou a candidatura do chefe do E.M.E. conotações partidárias, que terão de ser completamente desfeitas, caso aquela candidatura se venha a efectivar, como numerosos dados indicam. Assim, não é de excluir que o «golpe» tenha efeitos de «boomerang», vindo atingir quem o originou. Esta parece ser, aliás, a impressão existente em alguns sectores militares.

Assim, para o P.P.D., o momento é de espera. Para este partido, como aliás para todos os outros, continua a não existir a garantia de que o general Ramalho Eanes se venha a candidatar. A verificar-se esta hipótese, prevê-se nova reunião da Comissão Executiva do partido, da qual sairá um novo nome (o sétimo ou oitavo, fazendo fé nas estatísticas do dr. Mário Soares).

Da parte do P.S. nada foi acrescentado: continua a aguardar-se a indicação de uma figura que reúna o consenso das F.A. e seja factor de unidade entre militares. Se essa figura for a do general Ramalho Eanes, poderá contar com o apoio dos socialistas.

Quanto ao PCP e ao CDS, as respectivas posições foram focadas neste fim-de-semana. Mas enquanto o PCP mantém absoluta reserva sobre o assunto, o CDS adianta um pouco mais: poderá apoiar o general Ramalho Eanes se se vier a registar a sua candidatura. O problema, no entanto, foi remetido para a sua Comissão Política, a quem competirá a última decisão (ver pág. 2).

A prudente posição assumida

Continua na pág. 20

Primeiro de Maio: avancar na unidade



Bandeiras vermelhas sem distintivos partidários, cartazes de todos os tamanhos, dísticos identificadores dos Sindicatos e das organizações de trabalhadores, apelos à unidade, cravos vermelhos cânticos que o povo decorou desde o Abril da nossa esperança, correram anteontem, como rio caudaloso, pelas ruas de Lisboa. Era o Dia Mundial do Trabalhador.

(PAG. 9)

20 PÁGINAS

Maria Velho
da Costa

"Carta
ao Presidente
que eu queria"

(Pág. 20)

DANIEL REIS

Dois anos
de paz
na
Guiné-Bissau

(Pág. 11)



Os destroços do automóvel francês



O que resta do carro armadilhado

Bomba na Avenida: um morto, seis feridos

Às 6.15 da manhã de sábado a Baixa lisboeta foi abalada pela explosão violenta de uma bomba que deflagrou na Avenida da Liberdade, em frente do cinema Tivoli, a poucos metros do Centro de Trabalho do P.C.P. Resultado: um morto e seis feridos, além de centenas, senão milhares, de contos de prejuízo em viaturas que se encontravam estacionadas na área e nos edifícios do Hotel Liz, do próprio Centro de Trabalho do P.C.P. e no cinema.

A explosão foi tão grande que algumas pedras do passeio foram projectadas para o outro lado da Avenida, tendo ficado destruída uma barraca da Feira do Livro. O morto, um jovem de 15 anos que se presume não estar relacionado com o atentado, era um modesto trabalhador que tudo leva a crer se encontrava acidentalmente no local. Este crime indesculpável acabou por ser o único incidente que ensombrou o 1.º de Maio.

Nacional

Política de A a Z

UM PRESIDENTE CIVIL OU MILITAR?

O brigadeiro Vasco Lourenço às primeiras horas do dia 25 de Abril, colhido, de imprevisto, no torvelinho da Gulbenkian, pela pergunta de um jornalista, teria respondido: «Pessoalmente (frise-se que de um ponto de vista perfeitamente pessoal) eu preferia que o futuro Presidente da República fosse um civil, uma figura que tivesse firmemente o acordo do povo». Esclareceu que é normal, nos países democráticos, que o «Comandante-chefe das Forças Armadas» seja um civil que, por inerência da função de «Chefe-do-Estado», exerce o alto cargo militar de acordo com as atribuições constitucionalmente definidas. Já o cargo de «chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas», cargo técnico e com poder executivo directo, terá que ser preenchido por um «general».

Não faltaram interpretações desta simples resposta pessoal, como se o brigadeiro Vasco Lourenço não tivesse o direito de emitir — como frisara — «um ponto de vista perfeitamente pessoal». Para refrear as fantasias interpretativas e cortar o passo a especulações tendenciosas, Vasco Lourenço sentiu-se na obrigação de divulgar um esclarecimento no qual precisa que só em dois sentidos a sua frase poderá ser interpretada: «1) Como uma espécie de repto lançado aos civis por um militar que, apesar dos muitos erros feitos por homens das Forças Armadas ao longo de todo este processo, e dado principalmente os resultados obtidos nesse mesmo processo, está farto de ouvir «bocas» e que os militares não servem para a política — e que depois lhes atiram com todas as batatas quentes... 2) Como desejo de que se encontre uma solução que de modo nenhum possa pôr em perigo a actual coesão e operacionalidade das Forças Armadas, não se retirando delas pessoas que pelos cargos que ocupam e pelo que representam são fundamentais no seu seio, e fazendo o mínimo de alterações possíveis nos cargos superiores do Exército. Isto não quer dizer que se vier a ser decidido pelas diferentes forças políticas em jogo que deve haver candidatos militares, pessoalmente não de todo o meu apoio a um desses candidatos».

A longa transcrição tem, também, duas justificações: 1) dar ao esclarecimento do brigadeiro Vasco Lourenço a divulgação que se impõe; 2) mostrar que não é só o «D.L.» que se preocupa com a perspectiva de «alterações possíveis nos cargos superiores do Exército». As especulações, mais ou menos provocatórias, do suplemento de um quotidiano que, nervosamente, alvoroçadamente, interroga para encimar uma vesga referência ao nosso jornal: «quem tem medo da candidatura do general Eanes?» — encontram resposta nos esclarecimentos do brigadeiro Vasco Lourenço. Não há aqui «inocência». Nem da parte de Vasco Lourenço, nem da parte do «D.L.» Nem é «inocente» a insinuação suplementar. Há quem esteja preocupado não só com o facto de mais uma vez o Presidente da República ser um elemento das Forças Armadas (o que é politicamente negativo), como com o facto de uma escolha que se imponha por razões conjunturais — a de Ramalho Eanes, por exemplo, — poder não corresponder à necessidade (política e militar) de provocar «um mínimo de alterações possíveis nos cargos superiores do Exército».

O LUGAR ÚTIL E AS INTENÇÕES «INOCENTES»:

Sabendo-se que «Os militares em geral entendem (ou entendiam ainda no dia 30 de Abril) — acrescentamos nós — que Eanes é imprescindível nas Forças Armadas», não se afigura despropositada a referência a reservas e receios quanto à sua candidatura, na medida em que esta representará uma substituição no lugar de C.E.M.E.. Contrariar essa candidatura, parece ter sido a intenção do dr. Francisco Sá Carneiro, adiando-se, desastrosamente, a tornar público um apoio do P.P.D. a uma candidatura do general Ramalho Eanes. Imprimindo-lhe, em consequência da diligência e da publicidade que a rodeou, um carácter partidário, poder-se-á suspeitar que Sá Carneiro tenha tido a real intenção de a sabotar. Essa diligência não foi «inocente». E como, António Ramalho Eanes, também não é «um inocente», disse, oportunamente sobre essa esperteza, as secas palavras necessárias. Neste século, nos dias de hoje, há cada vez menos «inocentes».

UM PONTO DE ACORDO

O dr. Mário Soares, secretário-geral do P.S., e o dr. Álvaro Cunhal, secretário-geral do P.C.P., estão de acordo, segundo se depreende das suas declarações públicas, num ponto: o futuro Presidente da República deverá ser um militar. O secretário-geral do P.C.P. adiantou mesmo: «um militar integrado no espírito do 25 de Abril». Não poderá ser outro, o pensamento de Mário Soares. Também o P.S. não querará ver-se desapossado nas «eleições presidenciais» da vitória que alcançou nas «eleições legislativas». Esta questão é determinante para a escolha de um candidato militar. Dados os poderes que a Constituição atribui ao Presidente da República, este terá que ser um cidadão que concilie a fidelidade ao «Programa do M.F.A.», ao «Pacto» e a «Constituição». As «eleições presidenciais» deverão confirmar a «maioria de esquerda», alargando, inclusivamente, a indicação da vontade popular manifestada nas «leições legislativas». As «eleições presidenciais» da nas «eleições legislativas». As «eleições presidenciais» — não exigem acordos expressos, alianças formais — vergência das forças verdadeiramente democráticas, verdadeiramente progressistas, para o objectivo comum: defender as conquistas políticas, económicas e sociais do «25 de Abril», assegurar a continuidade da marcha iniciada na «via socialista», garantir o respeito e o efectivo cumprimento da Constituição.

O FUTURO PRESIDENTE SEGUNDO O P.C.P.

Apoio segundo as garantias que der ao processo democrático português

«O P.C.P. ainda não disse se apresentaria o seu candidato ou não, nem disse que apoiaria um candidato civil ou militar. O que o P.C.P. declara é que desejava que o candidato à Presidência da República fosse um militar fiel ao espírito do 25 de Abril. Cabe assim às Forças Armadas um papel decisivo na designação de um tal candidato», declarou o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, numa conferência de imprensa realizada na passada sexta-feira em Lisboa.

Álvaro Cunhal manifestou a opinião de que se deve manter este Governo «tal como está até às eleições para a Presidência da República».

O secretário-geral do P.C.P., que falava para dezenas de jornalistas portugueses e estrangeiros desmentiu que o seu partido tivesse dado o seu acordo, não publicamente, para um Governo monopartidário P.S., afirmando: «Gostaria de desmentir aqui essa afirmação. Para constituição de uma maioria no futuro Governo é necessário que haja um entendimento entre partidos. A nosso ver, tendo o povo votado por uma maioria de esquerda, é necessário que haja um acordo, segundo a vontade do nosso povo, entre o P.S. e o P.C.P. Quer isto dizer que o P.C.P. não dará

um apoio passivo a outro partido. Gostaríamos que isto ficasse absolutamente claro e que se acabasse com a especulação sobre este caso».

Considerando existirem dois campos políticos «muito claros» definidos por um lado «pela reacção representada pelo C.D.S. e P.P.D. e por outro «a democracia representada pelo P.S. e P.C.P.», Álvaro Cunhal salientou que «a criação de qualquer outro campo não representa o eleitorado português, que votou por uma maioria de esquerda. Essa maioria de esquerda existe numericamente na Assembleia da República e há que transformá-la numa maioria política».

Referindo-se ainda à questão da candidatura para a Presidência da República o secretário-geral do P.C.P. disse pensar «que não é de aprovar a iniciativa de partidos políticos de indicar candidatos militares, a fim de marcarem uma candidatura, sem que essa candidatura seja conhecida. De qualquer forma, o P.C.P. reserva a sua opinião sobre qualquer candidato que venha a ser proposto. Apoiará tal ou tal candidato segundo as garantias que der ao processo democrático português».

Mais adiante, Álvaro Cunhal afirmou que são as forças reacçãoárias que estão interessa-

das na desestabilização económica, social e política do País e salientou que a Constituição «deve ser respeitada» sendo um aspecto fundamental da política do P.C.P. neste momento.

Interrogado sobre os contactos havidos entre o P.C.P. e o P.S. dado que um elemento deste último partido tornara público que o P.C.P. escrevia uma carta ao P.S. a propor um encontro, Álvaro Cunhal confirmou ter o seu partido escrito essa carta propondo um encontro com o P.S. «a fim de discutirmos questões relacionadas com a possibilidade de formação de um Governo de esquerda».

Cunhal, salientou que o seu partido não havia posto condições prévias e que um dirigente do P.S. — o mesmo que tornou público este contacto — informou que o P.S. não aceitara o convite.

«Nós pensamos que é uma decisão de momento. O P.S. tem que decidir de escolher entre um entendimento como direita, contra a vontade dos portugueses, ou um acordo com o P.C.P., segundo a vontade expressa nas últimas eleições».

Comentando a apresentação pelo P.P.D. do nome do general Ramalho Eanes para candidato à Presidência da Republi-

ca, Álvaro Cunhal respondeu que «não é um bom serviço para ninguém. Nem mesmo para o P.P.D.».

ENCONTRO DE DIRIGENTES DO P.C.P. COM MILITARES DO C.R.

Concretizando audiências solicitadas, Álvaro Cunhal e Joaquim Gomes, da Comissão Política do Comité Central, estiveram ontem de manhã no Palácio das Necessidades com ZMelo Antunes.

A tarde, Álvaro Cunhal e Sérgio Vilarigues, também da Comissão Política do Comité Central foram recebidos pelo comandante Vitor Crespo e pelo capitão Sousa e Castro.

Os resultados eleitorais, situação política e relações com as ex-colónias, terão sido os temas abordados.

COMÍCIO QUARTA-FEIRA PARA BALANÇO DA CAMPANHA

É aguardado com expectativa o comício que o P.C.P. promove na próxima quarta-feira, no Campo Pequeno, durante o qual Álvaro Cunhal fará o balanço da campanha eleitoral.

C.D.S. apoiará candidato com "requisitos mínimos"

Reunido este fim-de-semana no Hotel Altis em Lisboa, o Conselho Nacional do C.D.S. decidiu, «enquanto partido político que é», não apresentar candidato à Presidência da República. Poderá, no entanto, e segundo o texto elaborado no termo da reunião, «conceder o seu apoio» ao candidato que reunir alguns requisitos que o C.D.S. considera mínimos. Os requisitos: 1 — «demonstrada capacidade para intransigente defesa da democracia pluralista da liberdade e da unidade dos portugueses»; 2 — «autoridade de uma ampla base social de apoio e carácter de figura partidária»; 3 — «possibilidade de realizar uma eficaz função de equilíbrio dentro das Forças Armadas e entre os poderes militar e civil»; 4 — «reconhecido prestígio pessoal e incontroversas qualidades de carácter, inteligência e honestidade».

O Conselho Nacional do C.D.S. decidiu, no entanto, «encarregar a comissão política de decidir, tendo em conta os requisitos anteriores e em face das circunstâncias políticas e militares, qual o candidato a quem poderá vir a ser concedido o apoio».

Ramalho Eanes? O C.D.S. deu ontem uma conferência de imprensa do Hotel Altis, a pergunta foi feita, Adelino Amaro da Costa respondeu: «é um dos possíveis candidatos que se encontra dentro do perfil traçado pelo Conselho». Acrescentou no entanto que o C.D.S. só poderá pronunciar-se em

definitivo sobre as candidaturas depois destas serem anunciadas oficialmente. Em qualquer caso, o dirigente do C.D.S. revelou que o seu partido é em princípio e desde já contrário a qualquer candidato que defenda uma coligação governamental PS-PCP.

GALVÃO DE MELO

O texto elaborado no final da reunião do Conselho Nacional do C.D.S. começa por «agradecer» ao general Galvão de Melo a «gentileza da atitude» que este general teve para com aquele órgão ao «manifestar-lhe o seu grande respeito e consideração e «expressa a certeza de que o País encontra nele sempre, um intransigente defensor da democracia, da liberdade e da unidade dos portugueses e a capacidade e disponibilidade para assumir se o povo assim o entender, um mandato electivo de projecto nacional»: Como se pode ler, as qualidades que o C.D.S. atribui ao seu deputado «independente» correspondem pelo menos em parte a alguns dos requisitos mínimos que o C.D.S. exige a qualquer candidato a P.R. para o apoiar.

A «atitude», a cuja «gentileza» o texto do C.D.S. se refere, consta dum texto que o general Galvão de Melo elaborou e foi entregar pessoalmente no sábado à noite ao Altis onde o Conselho Nacional do partido estava em reunião.

O texto em questão, na inte-

gra: «Certa maquinação partidária prepara-se para tentar impor a Portugal um candidato único à Presidência da República».

«O País compreenderia mal porque o primeiro Chefe de Estado eleito livremente pelo Povo, deva ser obrigatoriamente um militar».

«A conquista das liberdades democráticas tem-nos custado demasiados sofrimentos para, agora, aceitarmos uma maneira de proceder que lembra tristemente aquela época que todos desejam abolir definitivamente».

«Porque o meu nome já tem sido indicado como candidato à Presidência, eu quero que se saiba que, se algum dia isso acontecer, não será nunca sob o patrocínio de qualquer partido».

«Se me candidatar, há-de ser com a finalidade de vir a ser Presidente de todos os portugueses, dando assim continuidade à acção empreendida em 25 de Abril, pelos militares, apoiados por todo o Povo Português, os quais, nesse dia, me chamaram a participar como membro da Junta de Salvação Nacional».

«Oficial superior que bem conheceu a prisão no regime deposto; participante da primeira assembleia livre do povo português, renunciei voluntariamente a continuar na Junta a partir do momento que a Revolução tomou o perigoso rumo que quase nos ia precipi-

tando no abismo».

«Desde essa data não parei de alertar o País acerca dos perigos que sucessivamente o foram ameaçando. E o período que neste momento corremos não é menos grave: porque, em verdade, trata-se de saber se, amanhã ainda viveremos a democracia que escolhemos, ou seremos sujeitos a nova forma de ditadura».

«Portugal deve saber que, tal como no passado, eu estou e estarei ao seu serviço».

"Observer"

diz de Portugal:

"um impasse"

LONDRES, 3 — (ANOP) — O semanário «Observer» escreveu ontem em editorial sobre Portugal: «A primeira crise da recém-nascida Democracia Parlamentar de Portugal poderá ser a última, se não for encontrada uma saída para o actual impasse. Impasse que se deve à insistência do dr. Mário Soares de que o seu Partido Socialista, com 35 por cento dos votos e menos de metade dos lugares na Assembleia da República, deverá governar só ou não participar no Governo. Não será formado nenhum novo Governo até à eleição do presidente da República, em 27 de Junho, portanto há ainda dois meses para encontrar uma solução».

post scriptum

Calar... a favor de quem?

A vossa reportagem conseguiu, aqui há cerca de um mês, colher, um pormenor interessante acerca do ter ou não ter armas neste País.

Segundo as informações então colhidas, encontrava-se preso e entregue às autoridades militares, um indivíduo de nome Centeio, em tempos ligado à segurança de um grande partido e que foi quem forneceu as armas aos assaltantes da «Standard Electrica». E não só. Esse indivíduo está metido ainda num caso de entrada em Portugal de dólares falsos e no ataque a trabalhadores de firmas em autogestão, **trabalhinho** para o qual convidava conhecidos pugilistas muito chegados ao «baixo-mundo» e ao Parque Mayer.

Pois apesar disso, queremos dizer, apesar da criminosa actuação do sr. Centeio e da denúncia (no bom sentido) feita no vosso jornal, as autoridades militares ainda nada disseram sobre o assunto.

Assim, pergunta-se: o sr. Centeio continua preso? Ou já terá saído pela «porta do cavalo», como tem acontecido a muitos «pides» e quejandos malandretes cá da área?

De uma vez por todas: vamos entrar (ou já entrámos) de novo na lei da rolha, achando que o povo não tem o direito de conhecer o destino e o castigo de quem o ofende física e moralmente? Vamos dar cobertura à mafia dos Centeios, ocultando-lhes os nomes e permitindo que se safem facilmente para continuarem as suas piratarías? Gostava que **alguém** me respondesse...

Luis Gonçalves — Santarém

«Liberdade» ou infracção à lei eleitoral?

Segundo li no «DL» o prof. Freitas do Amaral teria explicado o aumento obtido pelo seu partido como resultado das «condições de liberdade em que a campanha pôde ser feita».

Talvez aquela personalidade desconheça factos que pouco abonam em favor das tais liberdades. Esperei que alguém de direito as trouxesse a público, mas como até hoje ninguém o fez, sinto-me forçado a «lavar a roupa suja» que por lá andou.

Tomei conhecimento de que na freguesia da Mata, concelho e distrito de Castelo Branco, a campanha eleitoral terminou mais tarde. Com efeito, nesta freguesia realizou-se, no sábado, dia 24, uma distribuição extraordinária de panfletos do CDS. E, ao que parece, essa distribuição foi feita com grandes requintes. Nalguns casos os panfletos deslizaram por baixo das portas, para a intimidade dos lares.

Há quem diga ter sido obra de crianças. Em princípio elas não andavam nas ruas de noite. Se o fizessem lá estaria o sr. professor (pessoa hábil em «espreitar» quem pinta as paredes ou distribui propaganda) para os castigar.

Enfim... surge a confusão; as pessoas, de novo, não sabem em quem votar; o professor ainda é quem sabe!...

E assim o CDS consegue a segunda posição na freguesia.

Fernando G. Marques — Castelo Branco

Se um certo partido engravidasse

Breve troca de impressões escutei entre um senhor médico candidato não eleito a deputado pelo PPD e um assistente à sessão dita de esclarecimento levada a cabo por aquele Partido numa freguesia do distrito de Viseu. Aquele senhor médico, tentando alertar os circunstantes para os perigos que ele entendia existirem numa votação no PS, socorreu-se do seu vocabulário clínico e começou por perguntar: «Sabem o que acontece se o socialismo engravidar?» Não houve resposta. Respondeu então o próprio perguntador: «Pois bem: saibam que se o socialismo ficasse grávido, nasceria o comunismo». Esta afirmação foi seguida de um geral silêncio. Do silêncio acabou afinal por também nascer qualquer coisa. Nasceu uma voz que perguntou: «O sr. doutor, já agora também me pode dizer o que nascerá se o PPD entrar em estado de gravidez?» Sucedeu-se à pergunta um novo e mais silencioso estado de espírito entre os presentes àquela dita sessão de esclarecimento. E depois foi a vez deste novo perguntador responder, também, à sua própria pergunta. Respondeu ele, se a memória não me engana: «Pois o sr. doutor não me responde, mas respondo-lhe eu. Se o PPD ficasse grávido, aposto que o que nascia era o fascismo».

Vitor Manuel de Freitas — Odivelas

Haverá ainda quem queira amordaçar o povo?

Ao ler o «D.L.» do passado 26 de Abril, senti-me ferver de indignação por constatar que ainda há quem queira calar a voz espontânea do povo, que se libertou em 25 de Abril, embora ainda preso às carências de ordem material. Refiro-me concretamente ao que se passou em Gondomar. Pois nesta vila as autoridades locais proibiram a festa popular comemorativa do 25 de Abril. Porquê? Será correcto proibir uma festa com cariz nitidamente antifascista? Claro que não se pode desligar o sentido desta festa dos partidos de esquerda, não necessariamente comunistas (já que parece ser isso que ainda mete medo a muita gente).

Em Lisboa festejámos unidos essa data querida, sem que ninguém perguntasse ao vizinho se era comunista ou não. E mesmo sendo, o que interessava isso? Não foram os militantes deste partido que mais se evidenciaram na luta contra o regime opressor?

Sejam quais forem os motivos alegados, quem tomou a decisão de proibir a festa em Gondomar, devia ter ponderado bem antes de o fazer. Ou será que querem ainda amordaçar o povo?

M.M. Meira — Lisboa

O CRIME NOS E.U.A.

GREGORIO SELSER

(Exclusivo IPS - "D.L.")

Um relatório oficial norte-americano dá conta de que em 1975 a criminalidade em geral, aumentou no país à taxa de 9 por cento em relação a 1974. Entretanto, pela primeira vez em 14 anos, diminuiu o número de assassinios.

Em 1974 o número de assassinios elevou-se a 20 600. Entre as grandes cidades onde diminuíram os crimes figuram Chicago, Filadélfia, Washington, Boston e Atlanta, mas anotaram-se aumentos em Nova York e Los Angeles. O aumento da criminalidade, de acordo com as informações, está ligado à intensificação do tráfico e consumo de drogas. Por exemplo, o uso da heroína está a aumentar constantemente desde 1973, estimando-se entre 250 000 e 500 000 o número de drogados, sem contar os que estão submetidos a tratamento de cura e desintoxicação.

Numa análise que constitui a primeira tentativa para medir a heroïnomania nos Estados Unidos, o Instituto Nacional de Estudos sobre o Abuso das Drogas observou que estão a aumentar os casos de hospitalização de drogados, as prisões e as entradas nos Centros de Desintoxicação, e bem assim, as mortes por abuso de heroína ou por infecção hepática, que é uma das suas consequências. Com o aumento do tráfico da droga, o preço baixou, passando de 2,71 dólares por miligrama em meados de 1974, para 2,34 dólares em meados de 1975. Simultaneamente «melhorou» a pureza química da droga em circulação.

Mas o grave problema da utilização da droga é apenas um

dos que engrossam os mapas estatísticos da criminalidade. Só em New York, onde os crimes aumentaram em 1975 uns 12 por cento em relação a 1974, os crimes contra a propriedade apresentam um aumento mais acentuado, vinculando-se esta subida com a depressão económica que grassa na cidade. Entre 1960 e 1973, a quantidade de assassinios notificados ao FBI representou um aumento de 158 por cento. Quarenta e cinco por cento deles foram cometidos pelos denominados «delinquentes juvenis». O psicólogo Calvin J. Frederick, do Centro de Estudos de Crimes e Delinquência, do Instituto Nacional de Higiene Mental dos Estados Unidos, afirmou que uma das razões que promove a alta taxa de criminalidade entre os jovens é a exposição da violência através dos meios de Comunicação de Massa, especialmente a TV.

o crime compensa

As estatísticas sublinham o facto de que, contrariamente ao velho dito de que «o crime não compensa», o delito nos Estados Unidos é um negócio florescente, apesar de o último orçamento anual destinado a aperfeiçoar e reforçar o sistema policial de prevenção e repressão superar os sete milhões de dólares. No último relatório do Federal Bureau of Investigation (FBI) o seu titular, Clarence M. Kelly, observou, com um não dissimulado desalento:

«Para muita gente nos Estados Unidos, o delito é um negócio, uma actividade a que dedicam todo o seu tempo, a

sua principal fonte de renda. Vivem do delito e encontram nele uma lucrativa fonte de rendimento».

O maior risco do «negócio» é a prisão, a condenação e os anos de penitenciária. Entretanto, de acordo com os dados do FBI, tratar-se-ia de um risco reduzido, já que apenas em um de cada cinco delitos consegue deter-se um suspeito, que nem sempre é condenado. Em contrapartida, os lucros seriam muito altos, de acordo com as análises de Thomas Plate em «O Crime Compensa». Assim, observa este autor, um importador de droga de Miami, na Florida, obtém lucros líquidos anuais avaliados em 165 mil dólares; o ajudante de um chefe mafioso de Nova York, 125 mil dólares; um simples ladrão de hotéis ou do comércio, 75 mil dólares. Os lucros anuais de uma família norte-americana, em média, são de 15 000 dólares. Os conhecedores calculam que o custo do delito ascende anualmente nos E.U.A. a 97 mil dólares, dos quais mais de metade cai nas mãos do crime organizado, cujas principais fontes de rendimento são o jogo ilegal e o tráfico da droga.

Outro lado, proporcionado por William B. Saxbe, procurador-geral dos Estados Unidos, indicam que no país operam uns 500 000 «criminosos de carreira», como são chamados os reincidentes. Neste mesmo sentido, o semanário «U. S.

News and World Report» diz que 80 por cento dos delitos são cometidos por reincidentes e que os presos não são preparados para levar uma vida honesta ao acabarem de cumprir a pena. «Peo contrário» — continua a publicação —, a maioria das prisões são escolas do crime, que transformam os delinquentes em criminosos empedernidos.

As autoridades norte-americanas estão especialmente preocupadas porque, não obstante a intensificação das medidas de repressão ao tráfico da droga, este continua a aumentar. Segundo um recente relatório da Subcomissão de Segurança Interna do Senado, dez milhões de pessoas são já fumadores habituais de marijuana e, pelo menos 35 milhões, já a provaram alguma vez. Com estes números o problema mais grave é o consumo da heroína e da cocaína, drogas maiores, que por criarem hábito, mantêm uma «clientela» fiel e em contínua expansão.

Calcula-se que, à razão de uns 65 dólares por dose diária, o viciado na heroína necessita pagar por ano cerca de 24 mil dólares para manter o seu vício. Levando-se em conta a existência de 100 mil a 150 mil heroínómanos, estes contribuem com nada menos de 8000 milhões de dólares líquidos anuais, para o tesouro do crime organizado nos Estados Unidos.

"LES VERSAILLAIS" DO CONSULADO

PARIS (especial para o «DL») — Como por coincidência, o Consulado de Portugal em Versalhes sempre foi dirigido por «Versillais» (1).

Houve um certo Matos Pereira, cônsul «aristocrático», autoconvencido, habituado às banquetadas e jogos de salão. Antes do 25 de Abril tinha sido transferido para Roma como conselheiro cultural. Posto que guardou depois, apesar de termos pensado que o conceito de cultura — sobretudo a sua utilização — se teria modificado por o fascismo ter sido desalojado do poder em Portugal. Surpreendentemente, no Palácio das Necessidades parece não se ter a mesma convicção a nível de certas representações no estrangeiro.

Pouco antes do 25 de Abril chegou Caldas Faria, cônsul «conhecedor» das coisas da emigração porque vinha de Stuttgart, na Alemanha. Constatou que os seus colegas viam com maus olhos esta transferência, parece mesmo que o embaixador Morçado, em Lisboa, estava descontente com tal feito, ele que tanto poder tem na Secretaria-Geral do Ministério. Não obstante haver sido acusado de «fascista», na sua presença e na presença de representantes das associações de emigrantes e do MFA, na Embaixada de Portugal, em Dezembro de 1974, manteve-se no posto que lhe «arranjaram» e só há meses deixou Versalhes. Os propósitos dos emigrantes parecem

não ter sido tomados em conta, até porque foi «promovido» ao a partir para Moçambique.

Depois da sua partida o Consulado ficou entregue a um triunvirato, onde se destaca o vice-cônsul Olavo Bilac, cuja ascensão, segundo nos afirmou a seu tempo o inspector diplomático e consular Grainha do Vale, é por demais controversa. Grainha do Vale chegou mesmo a afirmar-nos tratar-se de um «bluff» todas as suas pretensas habilitações literárias, tendo conseguido o cargo através de uma «chantagem» antes do 25 de Abril. Os serviços do MNE até já teriam sido informados pela polícia francesa sobre os feitos deste «representante oficial português em Versalhes».

UM VICE-CÔNSUL PATRÃO

Ora o sr. Olavo Bilac continua a pontificar, e de que maneira, no Consulado de Versalhes, ao ponto de ter suspenso um membro da comissão de trabalhadores, de nome Machado, no passado dia 25 de Março.

A acção dos trabalhadores consulares da região parisiense e do Sindicato dos Trabalhadores Consulares e Diplomáticos na Europa junto do embaixador em França, António Coimbra Martins, permitiu a reintegração daquele trabalhador, pensando-se que a Embaixada, inteirada dos acon-

tecimentos que se passaram no Consulado, intervenha no MNE.

O vice-cônsul, em Novembro do ano findo, tinha tomado a iniciativa de reunir no Consulado de Versalhes os «vice-cônsules e os chanceleres» para defender os seus direitos: aumentos de salários, acesso à carreira diplomática dos vice-cônsules e reforço da autoridade hierárquica, pois sentem-se lesados na sua autoridade pelas comissões de trabalhadores».

Alertados por esta reunião e pela forma como ela tinha sido convocada, os trabalhadores do consulado da região parisiense mobilizaram-se e apresentaram-se nas imediações do Consulado de Versalhes na tarde do dia 8 de Novembro. Dois polícias franceses à porta de um autocarro da polícia estacionado em frente mostravam bem o acolhimento que os funcionários superiores dos consulados portugueses reservavam aos empregados consulares.

Olavo Bilac tinha informado os trabalhadores, na véspera da reunião, que recorreria à polícia: «Eu sou um vice-cônsul nomeado pelo Presidente da República, não sou nenhum «borrbotas» como muitos vice-cônsules que há por aí, e em meu nome pode dizer aos seus colegas de Paris e Nogent-Sur-Marne que não tentem vir para aqui, senão farei com que haja intervenção da ordem pública e para mim não existe sindicato».

Este discurso foi feito a um trabalhador do Consulado que, ao querer informar o Sindicato, viu o telefone desligado pelo «representante de Portugal em Versalhes».

MANOBRAS DE «CORREDOR»?

O Sindicato afirma que o sr. Bilac «usa das suas prerrogativas de vice-cônsul para tentar seduzir algumas trabalhadoras do Consulado, tanto casadas como solteiras, constando igualmente que burlou o Banco Franco-Português em Paris em dezenas de contos». Também uma jovem emigrada portuguesa de Orsay, no Departamento de Essonne, se dirigiu ao Consulado depois de lhe ter falecido o marido num acidente de trabalho. O vice-cônsul recebeu-a no seu gabinete com propósitos pouco «consulares».

Numa recente entrevista da delegação sindical em Lisboa com o inspector diplomático e consular tinha sido acordado que haveria uma transferência rápida do sr. Bilac para fora da Europa. Neste momento, perante os acontecimentos presentes, o Sindicato exige o saneamento imediato do vice-cônsul.

E, pois, neste contexto que se trabalha no Consulado de Portugal em Versalhes. Há cerca de um mês esteve indicado para assumir as funções de cônsul o actual cônsul-adjunto em Paris, Vieira Gonçalves. Pa-

Continua na pág. 4

PUB

AUTO REPARAÇÕES DE MOSCAVIDE, DE CARRILHO & RUIVO, L.^{da}

Cópia extraída da escritura de 9 do corrente mês, exarada de fl. 20 v.º a fl. 22 v.º do livro n.º 178-C de escrituras diversas do 1.º Cartório Notarial de Lisboa, de constituição de uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Joaquim Manuel Ruivo e João António Baptista Carrilho, nos termos constantes dos artigos adiante indicados:

ARTIGO 1.º

A sociedade adopta a denominação de Auto Reparações de Moscavide, de Carrilho & Ruivo, L.^{da}, e vai ter sede e estabelecimento em Moscavide, concelho de Loures, na Rua de Gonçalo Braga, 32, rés-do-chão, esquerdo.

ARTIGO 2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

ARTIGO 3.º

O seu objecto é a indústria de reparação de automóveis e qualquer outro ramo de indústria ou comércio que a sociedade resolva explorar e não dependa de autorização especial.

ARTIGO 4.º

O capital social é de 60 000\$, inteiramente realizado, em dinheiro, e representado por duas quotas iguais, de 30 000\$, uma de cada sócio.

ARTIGO 5.º

É dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão de quotas, no todo ou em parte, a favor de um associado e para a divisão de quotas por herdeiros de sócios. A cessão de quotas a estranhos só poderá efectuar-se com o consentimento da sociedade.

ARTIGO 6.º

Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º Para a sociedade ficar obrigada nos seus actos e contratos é suficiente a intervenção de um gerente.
§ 2.º Os gerentes poderão delegar os seus poderes em quem entenderem, por meio de procuração, e, da mesma forma, a sociedade poderá constituir mandatários para quaisquer fins.
§ 3.º Não é permitido aos gerentes obrigarem a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, como letras de favor, fianças, abonações e outros actos semelhantes.

ARTIGO 7.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, dez dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

ARTIGO 8.º

Falecendo qualquer dos sócios, os seus herdeiros exercerão em comum, mas representados só por um deles entre os mesmos escolhido, todos os direitos inerentes à respectiva quota enquanto esta se achar indivisa.

Vai em conformidade com o original.

1.º Cartório Notarial de Lisboa, 14 de Janeiro de 1976. — A Ajudante, *Georgette Simões Barata*. 1-0-585

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os colegas abrangidos pelo CCTV Fabricantes do Material Eléctrico, para uma reunião a realizar no dia 6 de Maio, pelas 21 horas, no Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul, R. Jardim do Regedor, 37-2.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Adesão ou não adesão ao CCTV.

A Direcção
João Lourenço Martins de Oliveira Pinto

RESTAURANTE

(BAIXA)

ALUGA-SE

FRONTE AO TEATRO D. MARIA I — ÁREA 800m²

— Largo D. João da Câmara —

Mostra e Informa a Secção de Informações da C.P. — Rossio

Geral

"Les Versaillais" do Consulado

Continuação da pag. 3

recendo tratar-se de manobras de corredor, o então cônsul-geral em Paris, Gaspar da Silva, ter-se-ia oposto e Vieira Gonçalves foi indicado como responsável do Ensino Básico em França, provisoriamente por dois meses. Dadas as múltiplas ocupações e o tipo de funções para que é solicitado, seria mais compreensível que este trabalho incumbisse aos Serviços Culturais da Embaixada. Mas, de surpresa em surpresa, soubemos que o cônsul-geral, em funções há ano e meio (o primeiro cônsul a ser substituído em França),

foi nomeado para o cargo de embaixador em Nova Deli.

A situação portuguesa e toda a actividade diplomática exigida ao MNE explicarão, certas negligências para com o aparelho consular, mesmo quando se trata de postos consulares em países onde o fluxo migratório é importante.

Poderão explicar, mas dois anos depois do 25 de Abril não se justifica. É evidente que não se trata de mudar uns cônsules, deixando a capa fascista para arranjar uma casaca democrata. A invenção de um inspector consular e diplomático é pura demagogia, sobretudo

do quando vemos o trabalho realizado. O envio de um juiz para instruir os processos de saneamento também não parece ser a melhor solução. Esteve em Paris durante largos meses o juiz Waldemar Andrade para inquirir sobre o Consulado-Geral (dois trabalhadores foram suspensos na semana finda). Em França há uma vineta de consulados onde também seria necessária a sua presença.

A reestruturação consular passa inevitavelmente pela transformação profunda da base, isto é, pelo Palácio das Necessidades. «O major Melo An-

tunes não pôde ocupar-se dos consulados e deixou-os à mercê de uns diplomatas-de-carreira-agora-democratas» — dizia-nos um funcionário da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, consciente da morosidade da reestruturação.

Certos cônsules e o inspector diplomático e consular apresentaram recentemente um projecto que visa absorção pelos consulados dos Serviços de Emigração. Frente ao panorama apresentado, às lutas intestinas que os diplomatas de carreira fazem entre eles e a todos os funcionários que não sejam de carreira, é com apreensão que estas notícias fervilham no seio da emigração.

«Desta vez deram direito de voto para toda a gente, mas pouco fizeram pelo recenseamento, por isso somos poucos a estar inscritos. Quando fomos mais a votar, talvez os emigrantes sejam respeitados» — dizia-nos um trabalhador de Orleães (a 120 km do Consulado) quando se recenseava no Consulado de Nogent-Sur-Marne.

(1) «Les Versaillais» — s.f. alcunha dada à burguesia e ao Governo de Thiers, que se tinham refugiado em Versalhes durante a Comuna de Paris, em 1871.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

RUA DO CONDE DE REDONDO N.º 60, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º — LISBOA

COMUNICADO N.º 60

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul vai levar a efeito várias reuniões (Grupos de Trabalho) e Assembleias Regionais em vários distritos e que culminará com uma Assembleia Geral de Sócios (na Voz do Operário) com a finalidade de analisarmos e discutirmos com os trabalhadores dos sectores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário o anteprojecto do C. C. T. vertical para os três sectores

Assim teremos:

GRUPOS DE TRABALHO NOS SEQUENTES DIAS

DIA	HORA	SECTOR	LOCAL A REALIZAR
5/5/76 (4.ª Feira)	20.30	Lanifícios	Delegação de Moscavide
6/5/76 (5.ª Feira)	20.30	Têxteis Malhas	Delegação de Moscavide
7/5/76 (6.ª Feira)	20.30	Vestuário	Sede do Sindicato — R. Conde Redondo, 60-2.º

ASSEMBLEIAS NOS SEQUENTES DIAS

DIA	HORA	Localidades abrangidas	LOCAL ONDE SE REALIZA
8/5/76	17.30	Zona de Torres Novas abrange Tomar	Delegação do Sindicato T. Novas
10/5/76	21.30	Zona do Cacém (abrange T. Vedras, Sabugo, Sintra)	Delegação do Sindicato no Cacém (Largo da Estação, lote 4-1.º Dt.º)
10/5/76	20.30	Zona do Barreiro	Delegação do Sind. no Barreiro (R. Miguel Pais, 35-A)
12/5/76	21.00	Zona de Portalegre (abrange Aviz, S. Eulália)	Deleg. do Sindicato em Portalegre
12/5/76	20.30	Zona de Minde	Delegação do Sindicato em Minde
12/5/76	20.30	Zona de Moscavide	Deleg. do Sindicato em Moscavide (R. Dr. João G. Patacão, n.º 26)
12/5/76	18.30	Zona de Setúbal	INATEL de Setúbal
12/5/76	18.00	Zona de Santarém (abrange Almeirim e Salvaterra)	INATEL de Santarém (no Largo da Feira)
13/5/76	20.30	Zona de Mação (abrange Barreiras Tejo)	Delegação do Sindicato em Mação
13/5/76	20.30	Zona de Almada (abrange Cova Piedade)	Local a indicar oportunamente (Entra em contacto c/ o Sindicato)
13/5/76	15.00	Zona de Évora	Sala da Meika, Confecções, Ld.ª
13/5/76	10.00	Zona de Beja	Local a indicar oportunamente (Entra em contacto c/ o Sindicato)
14/5/76	20.00	Zona de Faro (abrange Lagos, etc.)	Local a indicar oportunamente (Entra em contacto c/ o Sindicato)
14/5/76	20.30	Zona de Vila F. de Xira (abrange Alenquer e Alhandra)	Local a indicar oportunamente (Entra em contacto c/ o Sindicato)
16/5/76	15.00	Reunião geral de sócios	Voz do Operário (Rua da Voz do Operário (à Graça)

NOTA: 1.º — Os anteprojectos começarão a ser distribuídos a todos os sócios, através dos Delegados Sindicais ou directamente na Sede ou Delegações do Sindicato.

2.º — O C. C. T. das Tinturarias e Lavandarias está em fase final de negociações (concretização).

CAMARADA TRABALHADOR:

Participa na discussão do anteprojecto do teu CCT, discutindo-o com os teus camaradas na tua fábrica e vem às Assembleias regionais marcadas. Vem à Reunião Geral de Sócios e enche a Voz do Operário para que, os patrões saibam que nós trabalhadores estamos organizados e queremos o nosso Contrato Colectivo de Trabalho.

CAMARADA, DISCUTE E PARTICIPA NO TEU CCT!

A LUTA CONTINUA!

AVANTE COM O NOSSO CCT!

UNIDOS E ORGANIZADOS O FASCISMO E A EXPLORAÇÃO NÃO PASSARÃO!

VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

Comércio da E.F.T.A. está em baixa

... GENEBRA, 3 — (R.) — Os sete países membros da Associação Europeia de Comércio Livre (E. F. T. A.) acusaram no ano passado um declínio no volume do comércio, com as exportações sofrendo uma descaída de cerca de nove por cento e as importações de cinco por cento aproximadamente.

Porém, devido ao aumento substancial dos preços em 1975, o valor subiu. Os números relativos à exportação registaram um acréscimo de sete por cento, elevando-se a 52.758 milhões de dólares americanos e as importações um aumento de 4,7 por cento, totalizando 62.225 milhões de dólares.

A principal razão para o crescimento do valor das exportações está na expansão das vendas dos países da E. F. T. A. — Portugal, Áustria, Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia — para os Estados da Europa Oriental e para mercados exteriores à Europa e aos Estados Unidos.

O valor das remessas para a Europa Oriental acusou um aumento de 31,4 por cento para 4765 milhões de dólares, elevando para nove por cento a quota dos países comunistas no total das exportações da E. F. T. A.

As exportações para o resto do mundo cifraram-se em 11.985 milhões de dólares — mais 10,3 por cento do que em 1974.

Carteira perdida

Um nosso leitor perdeu, entre Linda-a-Velha e o Poço do Bispo, uma bolsa-carteira com toda a sua documentação, nomeadamente o livrete, carta de condução de motociclos e bilhete de identidade, além de 1300\$00 em dinheiro. Agradece-se qualquer indicação útil para o telefone 2192780.

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

Nacional

NA ASSEMBLEIA EPISCOPAL

Bispos criticaram nacionalização das Misericórdias

A nacionalização dos hospitais concelhios integrados na rede das Misericórdias é criticada pela Igreja, no comunicado da Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, que se reuniu em Fátima, entre os dias 26 e 30 de Abril. Embora admitindo que, por vezes, as Misericórdias perderam a sua fisionomia de instituição cristã para o exercício das obras de misericórdia, os bispos não deixaram de lamentar a medida tomada, sem o menor entendimento com a Igreja.

«Espera ao menos a Conferência — diz-se no comunicado — que na execução das mencionadas nacionalizações se respeite não só a liberdade religiosa mas também a legítima liberdade de iniciativa pri-

vada no campo da assistência, fruto do espírito da comunidade cristã».

A avaliar pelo comunicado tornado público pelos bispos portugueses, a Conferência Episcopal deve ter discutido (não se diz como) alguns dos assuntos mais melindrosos da vida nacional. Falam mesmo na «gravidade do momento que passa», do repúdio de «todo e qualquer totalitarismo», ao mesmo tempo que manifestam o desejo de «verem salvaguardados os espaços de liberdade que permitam afirmar e desenvolver a personalidade individual e colectiva».

Concretamente, foi decidido organizar, a 30 de Maio, o «Dia Mundial das Comunicações Sociais», sendo os fiéis exortados a darem o seu contributo, nes-

se dia, para a manutenção e desenvolvimento das estruturas católicas ligadas à Informação; tomaram-se providências para que a Rádio Renascença se faça ouvir sempre na fidelidade às orientações da Igreja e com a independência necessária; marcou-se a Semana Nacional das Migrações para a semana que inclui o dia 13 de Agosto; e foi apreciada o trabalho da Universidade Católica, que a Conferência considera «uma Universidade livre no nosso País».

Um pormenor: participaram na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa seis bispos de Angola e Moçambique, mas o comunicado apressa-se a explicar que, na sua maioria, são resignatários. Não obstante, foi feita

uma reflexão sobre «os condicionamentos da Igreja nestes e noutros dos novos Estados africanos de expressão portuguesa, a enfrentar graves problemas decorrentes de uma descolonização realizada em circunstâncias dramáticas», e dirigida uma palavra de apreço e solidariedade aos que «lá permanecem, correndo riscos suportando carências ou sofrendo vexames». O comunicado, cautelosamente, chama esses novos países independentes quer de «Estados», quer de «territórios», o que contenta uns e outros. É reafirmado, no entanto, o desejo de «cultivar relações fraternas com as Igrejas dos novos países».

Presidiu à Conferência o Cardeal-Patriarca.

NOTA OFICIOSA

Recurso ao financiamento do Banco Mundial

Recurso ao financiamento do Banco Mundial.

«A presente nota visa o esclarecimento do público sobre os contactos com o Banco Mundial para obtenção de financiamentos para o sector da electricidade».

O Banco Mundial é uma instituição financeira supranacional, e de que Portugal é também membro, estabelecida no âmbito das Nações Unidas, com independência institucional dos sectores privados. Este Banco tem manifestado vocação para apoiar o desenvolvimento económico de países através do financiamento de equipamentos colectivos e projectos de investimento em sectores básicos.

Qualquer governo responsável não ignora uma fonte de financiamento deste género. Não a ignora o Governo português como a não ignoram países como a Jugoslávia ou a Roménia. Importa frisar as vantagens que esta fonte apresenta relativamente a outras fontes alternativas de financiamento externo, nomeadamente, no que se refere ao crédito ligado à importação de equipamentos estrangeiros. Assim, para além de uma menor dependência é de salientar a prática de prazos de amortização dilatados, ajustados a financiamentos de infra-estruturas.»

OS CONTACTOS ESTABELECIDOS COM O BANCO MUNDIAL

«Os contactos mais recentes tiveram início na vigência do II Governo Provisório. O ministro das Finanças apresentou em Setembro de 1974 a candidatura a financiamentos do Banco Mundial de projectos de vários sectores de actividade, entre os quais novos centros produtores de electricidade».

No início de 1975, o Banco Mundial propôs uma forma de financiamento mais vantajosa em relação às modalidades até então praticadas com o nosso país. Trata-se de um financiamento sectorial. Surge, assim, a possibilidade de escolher um número restrito de encomendas, a submeter a concurso internacional, correspondentes a vários projectos do sector da electricidade, protegendo a indústria nacional de concorrência para que não esteja preparada.

Nota-se, portanto que não há qualquer imposição no sentido de incluir na lista de equipamentos a financiar encomendas para a central nuclear.

Nesta perspectiva, não surpreende a confirmação de interesse de sucessivos Governos Provisórios culminando com o convite para a visita dum missão do Banco Mundial para recolha de informações sobre o sector, formulado em Agosto de 1975. Esta missão veio a concretizar-se já na vigência do VI Governo Provisório e destinou-se a preparar a abertura de negociações. Representantes do Banco Mundial contactaram em Outubro de 1975 departamentos do Ministério das Finanças, do Ministério do Equipamento Social e deste Ministério, além da Comissão de Reestruturação do Sector da Electricidade, empresas do sector nacionalizado (Companhia Portuguesa de Electricidade, Companhias Reunidas de Gás e Electricidade) e os Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto.

O objectivo da missão era, assim, recolher informação que permitisse a abertura de negociações com a empresa pública resultante da reestrutura-

ção do sector, conforme intenção do Governo definida no diploma que nacionalizou as empresas de electricidade.»

ABERTURA DE NEGOCIAÇÕES

«Como é natural, tendo sido apontado desde a nacionalização do sector da electricidade um financiamento para a futura empresa, a abertura de negociações só poderia ter lugar após a instalação da mesma».

Circunstâncias várias, em particular o atraso na aprovação das bases gerais a que devem submeter-se os estatutos das empresas públicas, têm demorado a criação da empresa pública.

O Banco Mundial aceitou, no entanto, iniciar negociações com o Governo antes da constituição da empresa. Como é natural isto só é possível com conhecimento dos princípios fundamentais do estatuto jurídico previsto para a empresa, com o conhecimento das linhas gerais dum programa de investimento e da política de financiamento que o Governo pense determinar. Em particular, o Governo reconhece a necessidade de proporcionar condições que garantam o equilíbrio financeiro dum sector como o da electricidade e compreende que um financia-

dor externo queira ter conhecimento das medidas preconizadas. O Conselho de Ministros já apreciou um esquema financeiro estudado na Comissão de Reestruturação e na base desse esquema inscreveu no Orçamento Geral do Estado um dotação de 800 mil contos destinada a reforçar o capital estatutário da futura empresa. Com a mesma preocupação de uma política de preços não demagógica, que atenda às necessidades financeiras do sector e reduza assimetrias regionais está em estudo desde há meses a reforma do sistema tarifário. De resto, os leitores atentos dos comunicados do Conselho de Ministros terão notado a referência explícita a este assunto quando foram fixados no início do ano os novos preços dos combustíveis, e se manteve transitoriamente o preço do fuel para a CPE enquanto se aguardava a revisão das tarifas de electricidade.

Resta referir que se considera legítimo o interesse do Banco Mundial pela política de indemnizações dos accionistas das Sociedades Nacionalizadas dado que se poderia repercutir na situação financeira da futura empresa, política que cabe ao Governo determinar, mas que certamente se enquadrará dentro de regras internacionais definidas no âmbito das Nações Unidas.»

Souto Cruz chefia delegação a Bruxelas

Seguiu ontem de manhã para Bruxelas uma delegação portuguesa chefiada pelo vice-almirante Souto Cruz, chefe do Estado-Maior da Armada, que participará na capital belga numa reunião da Comissão Militar da NATO.

Fazem parte da delegação oficiais da missão militar de Portugal junto da NATO e do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Depois da reunião, em que participaram os chefes de Estado-Maior das Forças Armadas dos países membros da Aliança Atlântica, realizar-se-á, no âmbito da NATO, o exercício «Shapex 76», que terá lugar em Mons, na Bélgica.

Em declarações à Imprensa o vice-almirante Souto Cruz explicou que o tipo de reunião em que vai participar se realiza duas vezes por ano e precede as reuniões dos ministros da Defesa dos países membros da NATO.

Acrescentou que vai representar o presidente Costa Gomes, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior-General

das Forças Armadas, e que «a reunião tem essencialmente por fim analisar os problemas da NATO, os problemas da segurança da Europa e, sobretudo, permitir um amplo contacto entre esses chefes de Estados-Maiores, ou chefes de Estados-Maiores-Generais, de todos os países da NATO, que têm assim uma oportunidade de se encontrar, de discutir problemas comuns e de analisar a situação, com vista a uma reunião que se fará dentro, sensivelmente, de mês e meio, e em que participam os ministros da Defesa» — e onde «já serão tomadas um certo número de decisões».

Além disso, tomará parte no primeiro dia do exercício «Shapex», na quarta-feira, exercício que se realiza anualmente para treino conjunto das forças do Pacto do Atlântico.

A partida apresentaram cumprimentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, entre outras individualidades, os generais Ramalho Eanes e Moraes e Silva, chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea, respectivamente.

Lisboa

mais perto de Trás-os-Montes

A TAP inaugurou oficialmente esta manhã as suas novas carreiras aéreas (taxis aéreos) entre Lisboa e o Nordeste Transmontano (Bragança, Vila Real e Chaves).

O primeiro táxi partiu às 9 horas do aeroporto da Portela para Bragança com quatro pessoas a bordo, entre as quais dois elementos da televisão brasileira (um operador e um redactor) que farão a cobertura do acontecimento para muitos dos milhares de transmontanos que labutam no Brasil. O regresso do mesmo táxi aéreo a Lisboa estava previsto para o princípio da tarde, devendo descolar de Bragança às 12.35 horas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR
E DAS BELAS-ARTES

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
LISBOA — PORTUGAL

TEMPORADA DA PRIMAVERA

Hoje 2.ª feira, 3 de Maio, às 21.00 horas
1.ª Audição em Portugal de

A BELA MAGUELONE

Ciclo de «lieder» de Johannes Brahms

Intérpretes: OLIVEIRA LOPES (barítono)
HELENA SA E COSTA (pianista)

A solista do concerto coral-sinfónico da próxima 5.ª feira, 6 de Maio, não será como se anunciou Régine Crespin, impossibilitada de se deslocar por motivo de doença, mas Jane Berbié, a cantora francesa com maior número de actuações em papéis principais na Ópera de Paris desde que este teatro é dirigido por Rolf Liebermann e se tornou a sede dos melhores elencos internacionais de ópera da actualidade. Jane Berbié foi, por exemplo, escolhida para o papel de Zerlina no chamado «elenco de ouro de 1975» da produção parisiense do «D. João» de Mozart transmitida à escala nacional pela TV francesa. O público português também já a viu e ouviu na televisão, interpretando o principal papel da «italiana em Argel» de Rossini. No próximo concerto coral-sinfónico do S. Carlos, Jane Berbié cantará a «Sheherazade» de Ravel, melodias de Berlioz e Duparc.

Sábado, 8 de Maio, às 21.00 horas

ESTREIA do

GRANDE TEATRO DE ÓPERA DE VARSÓVIA
(270 figuras)

com a 1.ª representação em Portugal da ópera romântica
«HALKA» de Moniuszko

Pesquisas e Captações de águas Furos Artesianos



Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Alvarinhos — Sintra — Tel. 248 04 52
Vilaverde — Tel. 248 02 11



SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO C.C.T. DOS IMPORTADORES, AGENTES E VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS

Na Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, reuniram no dia 29 de Abril de 1976, os sindicatos representativos do C.C.T. — Ramo Automóvel, e após plenários realizados a nível nacional, e de acordo com a vontade expressa dos trabalhadores, deliberaram o seguinte:

- 1.º — Dar um prazo à ACAP para reinício e conclusão do CCT até 7 de Maio de 1976.
- 2.º — Caso a ACAP se recuse ou continue a protelar as negociações, iniciaremos de seguida várias formas de luta, que irão desde a paralização parcial até à greve geral, responsabilizando, desde já, o patronato pelas consequências que daí poderão advir.

A federação Nacional dos Trabalhadores do Comércio
A Federação Norte dos Sindicatos dos Emp. de Escritório
Federação Sul dos Sindicatos dos Empregados de Escritório

Os Sindicatos: do Comércio de Vila Real, Guarda, Braga, Évora, Santarém, Leiria, Viana do Castelo, Viseu, Lisboa, Covilhã, Coimbra, Portalegre, Aveiro, Funchal, Beja, Setúbal, Porto e Faro; de Técnicos de Vendas, de Escritório do Porto, dos Trabalhadores de Armazém-Norte, de Cobradores, de Telefonistas do Porto e dos Técnicos de Desenho

Economia

VILA FRANCA ASSISTE À EXPOSIÇÃO-FEIRA

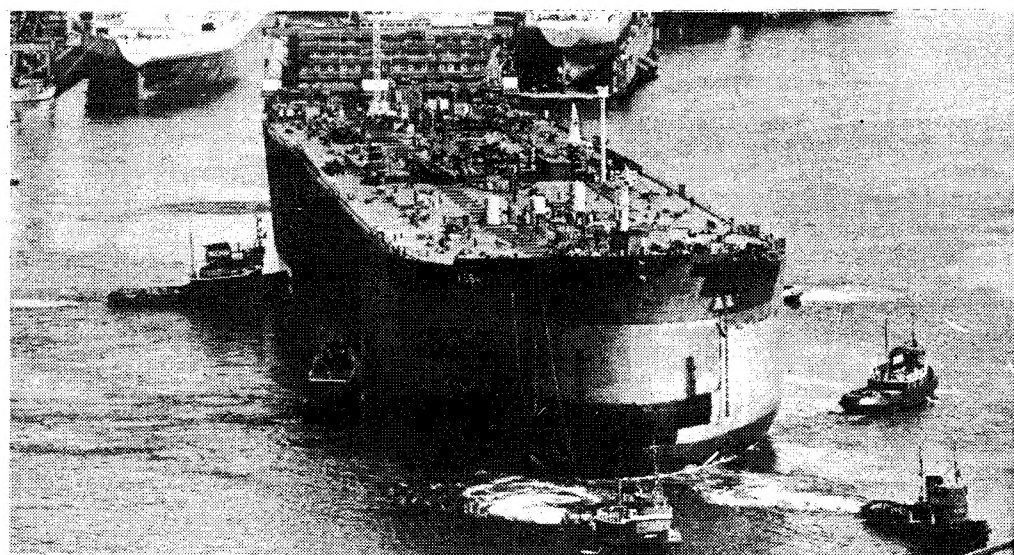
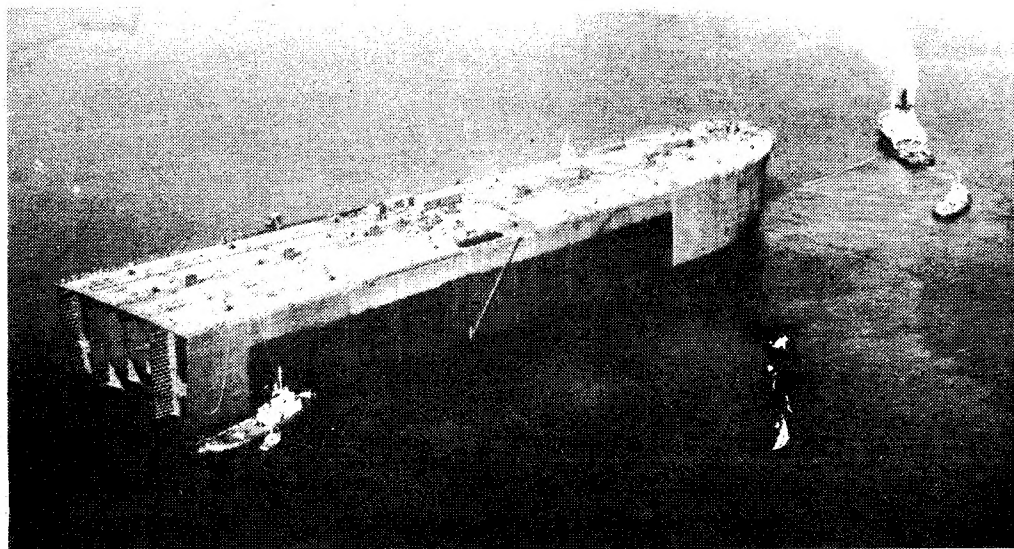
VILA FRANCA DE XIRA, 3 — Inaugurou-se no sábado passado no Campo do Cevadeiro a 1.ª Exposição-Feira Agrícola e Industrial desta vila, que se prolongará até ao dia 10. No domingo, foi inaugurada a Feira Anual de Gados, que se realiza tradicionalmente no primeiro domingo de Maio e que este ano, por acordo entre a Câmara Municipal, a Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura e os agricultores decorrem na zona do Mercado Abas-

tecedor, entre a Bica do Chinelo e a Quinta da Mina.

Outra inovação caracteriza este ano o certame: durante o período da exposição-feira, haverá uma exposição de pecuária, com carácter estritamente promocional, enquanto a Feira de Gados terá carácter exclusivamente comercial.

Do programa da Exposição-Feira destacam-se hoje às 21 horas colóquio sobre

«Crédito Agrícola e Arrendamento Rural»; dia 5, às 21, colóquios sobre «Comercialização e transformação de produtos no desenvolvimento do sector-agropecuário»; dia 6, às 21, colóquio sobre «Formação profissional, segurança no trabalho e previdência». Constatam ainda do programa provas desportivas, festival e folclore, sendo as actividades do dia 7, «Dia da Criança», dedicadas às crianças das escolas do concelho.



AS DUAS FASES DA CONSTRUÇÃO DUM PETROLEIRO

Estas duas fotografias documentam as duas fases importantes da construção de um petroleiro de 316 000 toneladas para a empresa portuguesa Soponata. A fotografia de cima mostra a componente (260 metros de comprimento) fabricada pela Setenave para a empresa sueca Eriksberg, a ser rebocada para a Suécia, onde aquela empresa sueca procedeu à junção da componente da Setenave com a parte da ré do petroleiro, construída pela Eriksberg, de 60 metros de comprimento. A parte ré do petroleiro compreende a casa das máquinas e a superestrutura. A junção destas duas componentes levou apenas 12 horas de trabalho, o que demonstra a perfeição do trabalho efectuado, nomeadamente pela Setenave.

Esta unidade deverá ser entregue à Soponata no próximo mês de Julho.

LAVAGEM MANUAL DE AUTOMÓVEIS TEM PREÇO LIVRE

Com o crescente aumento de instalações equipadas com lavagem mecânica ou automática, e sua proliferação pelo País, os automobilistas em geral têm vindo a preferir a lavagem automática em detrimento da lavagem manual, não só por aquela ser mais económica, como pela rapidez de execução.

Por outro lado, o Governo ponderou a situação económica e financeira das empresas, com agravamento substancial dos seus custos, motivados essencialmente por aumentos salariais, o que onera os preços prestados aos automobilistas.

Deste modo, a Secretaria de Estado do Comércio Não-Alimentar, pela Portaria n.º 271/76, de 29 de Abril, passa a lavagem manual de veículos automóveis ao regime de preços livres, mantendo a lavagem mecânica ou automática de veículos automóveis no regime de preços controlados. O preço da lavagem automática ou mecânica mantém-se nos 22\$50 (vinte e dois escudos e cinquenta centavos), preço que inclui lavagem e secagem exterior do veículo, com utilização de produto adequado.

A Portaria 271/76, de 29 de Abril, entra imediatamente em vigor.

Inquérito de conjuntura à indústria transformadora

O Instituto Nacional de Estatística tomou a seu cargo a realização de um inquérito de conjuntura à indústria transformadora, com periodicidade trimestral. Está a decorrer neste momento a análise de Março.

Trata-se de um inquérito por amostragem, o que quer significar que nem todos os estabelecimentos industriais são inquiridos, mas apenas uma

amostra representativa constituída por 3000 estabelecimentos do continente.

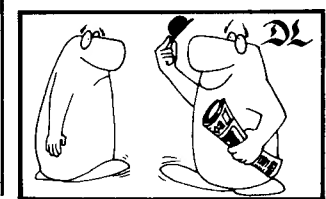
Esta análise tem por objectivo detectar a situação verificada no 1.º trimestre de 1976 e as perspectivas para o trimestre imediato.

Inquéritos desta natureza revestem-se de grande importância para o diagnóstico dos problemas existentes e as soluções a adoptar.

Há, pois, o maior interesse em que as informações solicitadas aos estabelecimentos industriais sejam fornecidas ao I. N. E. com a maior rigidez possível, o que se espera conseguir dada a simplicidade do questionário básico.

Os apuramentos deste inquérito permitirão aos dirigentes dos estabelecimentos industriais ter uma panorâmica geral da situação e ao mesmo tempo comparar a posição do seu estabelecimento com a do sector em que se integra.

Os estabelecimentos inquiridos serão dos primeiros a receber directamente as conclusões do inquérito.



PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

CCT AUTOMÓVEL

COMUNICADO N.º 1

Reunidos Fundão ontem trabalhadores sector Automóvel Distrito Castelo Branco, apreciaram impasse surgido negociações por recusa ACAP. Ponderada atitude reaccionária Patronato que arrasta negociação desde Outubro 1975, foi deliberado:

- 1.º — Telegrafar Ministro Trabalho solicitando intervenção imediata.
- 2.º — Apoiar e cumprir medidas a tomar pela Federação Nacional do Comércio sentido obrigar ACAP a negociar.
- 3.º — Enviar telegrama ACAP des-

mascarando sua posição fascista perspectivada exploração homem pelo homem.

UNIDOS VENCEREMOS

Covilhã, 29 de Abril de 1976

Direcção Comércio
Distrito de Castelo Branco

Colega,
Está atento Exigimos justiça Se
tiveres dúvidas consulta o sindicato
Queremos um contrato justo

CCT DISTRITAL

COMUNICADO N.º 1

Reunidos no Fundão em plenário os Trabalhadores do Distrito de Castelo Branco, abrangidos pelo C.C.T. Distrital, apreciaram a forma como estão a decorrer as negociações do seu contrato e a contraproposta das Associações.

Assim deliberaram:

- 1.º — Exigir rapidez na conclusão das mesmas, uma vez que para seu prejuízo já chegou o congelamento das negociações decidido nas suas costas.
- 2.º — Denunciar a forma orquestrada e lenta das Associações decidido nas suas dades em todas as cláusulas.
- 3.º — Denunciar e desde já recu-

sar a contraproposta salarial, que por ser vergonhosa se dispensaram de comentar, apenas citando que encerra tres grupos, como se o custo de vida também tivesse 3 grupos.

- 4.º — Exigir à Comissão de Apoio às negociações, informações constantes, de molde a denunciar todas as manobras patronais a fim de estarem atentos preparados e unidos para encetarem formas de luta caso venham a ser necessárias.

UNIDOS VENCEREMOS

Covilhã, 29 de Abril de 1976

A Direcção

BOMBA NA AVENIDA DA LIBERDADE

Um morto adolescente

«A bomba só não foi colocada mesmo em frente do Centro de Trabalho do Partido porque os terroristas não conseguiram colocá-la lá» — afirmaram-nos militantes do P. C. P. pouco depois da explosão que abalou a Baixa na madrugada do 1.º de Maio. A bomba, que se julga ter sido de plástico, talvez de gelamonite, e que era, incontestavelmente, de grande potência, destruiu inteiramente um automóvel, danificou três outros que se encontravam estacionados na área e causou prejuízos ainda não avaliados, mas que tudo leva a crer atingirem milhares de contos em vários prédios de Avenida da Liberdade.

Para se avaliar da violência da explosão, bastará dizer que algumas pedras do passeio foram projectadas para o outro lado da avenida, que vimos pedaços do automóvel destruído profundamente encastrados em troncos das árvores e que a cratera tinha cerca de cinco metros de diâmetro.

TRÊS INDIVÍDUOS DETECTADOS NO LOCAL

Pouco antes da explosão, militantes do Partido que se encontravam no exterior do Centro de Trabalho, situado no edifício do antigo Hotel Vitória, detectaram a presença de três indivíduos, dos quais um envergando calças de ganga azul, que se movimentavam na área duma forma que chamou a sua atenção, mas a explosão verificou-se antes que tivessem tempo de actuar. Os três indivíduos eram Almor de Sousa Rodrigues, de 15 anos de idade, empregado de mesa, que viria a ser vitimado pela explosão; Jerónimo Passos, de 34 anos, serventes de pedreiro, e Júlio Simões Maria, de 19.

De acordo com os dois últimos, o grupo formara-se acidentalmente na Praça do Saldanha por os dois amigos terem metido conversa com o Almor, que conheciam de vista duma casa de «matraquilhos». Tendo decidido ir a pé até aos Restauradores, desceram a Avenida Fontes Pereira de Melo, e, depois, a Avenida da Li-

berdade, até junto do Hotel Lis, onde o Almor se separou do grupo «para satisfazer uma necessidade». Tudo leva a crer, aliás, que o jovem conhecia bem a área e que a frequentava de madrugada para se encontrar com uma jovem prostituta por quem se «tomara de amores» quando trabalhava numa leitaria.

O Júlio Maria e o Jerónimo Passos continuaram o seu caminho e foram surpreendidos pela explosão quando se encontravam a cerca de 150 metros do local. Ambos afirmam peremptoriamente que o jovem Almor não transportava qualquer emburlo.

TERIAM SIDO DUAS BOMBAS?

Embora a Polícia Judiciária não tenha ainda divulgado o resultado das investigações e não se saiba a que conclusões chegaram os peritos que examinaram o local, admite-se que tenha havido duas explosões praticamente simultâneas. A hipótese assenta no facto de o carro destruído apresentar vestígios de duas perfurações distintas, uma no tejadilho, à frente, que terá tido lugar de fora para dentro e que não tem um orifício correspondente no sobrado, e outra atrás, à esquerda, que terá sido a principal.

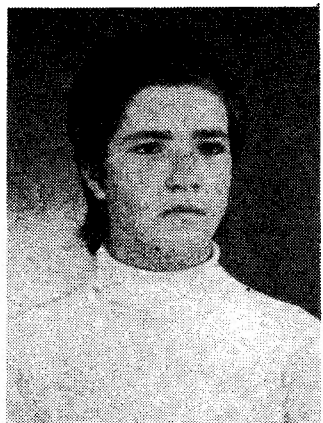
Esta hipótese é, aliás, confirmada por uma testemunha, sr. Nelson de Lima Ferreira Soares, que se encontrava a 300 metros do local quando se verificou a explosão e que afirma ter ouvido dois estrondos distintos quase simultâneos.

ATENTADO CUIDADOSAMENTE PLANEADO

Não há dúvida de que a bomba foi colocada dentro ou debaixo do carro — um «Fiat 127» pertencente ao turista francês Jean Fernand Delmas, que chegara com a mulher na véspera e passara a noite no Hotel Lis — mas tudo leva a crer que o atentado foi planeado com certa antecedência, sendo até possível que os terroristas tenham colocado

a bomba mais longe do Centro de Trabalho do P. C. P. do que tinham inicialmente planeado. Isto porque há indícios que levam a crer haver sido estudado ou planificado um atentado contra o Centro de Trabalho na noite de 24 para 25 de Abril.

Nessa noite militantes do Partido encontraram uma caixa suspeita muito perto da entrada do Centro, e, admitindo que se tratasse duma bomba, tomaram as precauções que se impunham. Verificou-se, porém, que a caixa continha apenas papéis rasgados, o que não tranquilizou ninguém por se tornar evidente que ou alguém tentara colocar uma bomba e deixara a caixa, ao verificar que não o podia fazer, ou alguém preparava um atentado e usara a caixa para estudar a possibilidade de vir a colocar, mais tarde, uma bomba no local.



Almor de Sousa Rodrigues, 15 anos, morto na explosão

As provocações aos militantes do P. C. P. que se encontravam no Centro de Trabalho são, aliás, constantes. Logo após a explosão, por exemplo, os primeiros militantes que saíram foram insultados por indivíduos que se encontravam na Avenida e uma militante chegou a ser agarrada e agredida. A situação tem-se agravado nos últimos dias, tudo levando a supor que há quem esteja interessado em provocar incidentes que só poderão contribuir para criar tensões francamente prejudiciais neste momento em que se tenta entrar

num período de estabilização política.

A IDENTIDADE DOS FERIDOS

A vítima, Almor de Sousa Rodrigues, tinha 15 anos de idade e era natural de Capeludos (Vila Pouca de Aguiar). Tendo vindo para Lisboa há três anos, empregara-se na Leitaria Liberdade, sita na Rua das Pretas, n.º 1, de onde saíra há três meses por ter arranjado outro emprego, agora num restaurante na Rua Edite Cável.

Quando as primeiras pessoas, logo após a explosão, chegaram ao pé do seu cadáver, constataram que o vestuário ainda ardia e que o corpo se encontrava parcialmente desnudado, o que confirma a versão das testemunhas. Durante várias horas, o cadáver permaneceu por identificar por não se ter encontrado qualquer elemento que permitisse fazê-lo. Só ontem é que o cadáver do jovem foi definitivamente identificado por sua irmã, Prazeres de Sousa Rodrigues dos Santos, que ironicamente vive na Rua de S. Lázaro, mesmo ao lado da morgue, e que passara o dia, portanto, a uma escassa centena de metros do cadáver do irmão, sem saber da desgraça que lhe sucedera. Os pais do jovem, avisados telefonicamente ontem à tarde, chegaram hoje a Lisboa para assistir ao funeral do filho.

Os feridos, que receberam tratamento e seguiram para as suas casas, são António José Serrano Lanza, de 30 anos, empregado de balcão; António Rui de Sousa Mendes, de 17, serventes de pedreiro; Lídio Manuel Garcia, de 22, soldador; Manuel Marques, de 21, pintor; José Jorge Alexandre, de 20, pintor; e Adelino de Jesus Gonçalves, de 26, montador de andaimes.

(MAIS INFORMAÇÕES NA PÁG. 20)

MOBÍLIAS USADAS

Compra mobílias c. jantar e quartos ou recheio de casa completo. Telef. 53 04 12.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS,

LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

«ASSEMBLEIA REGIONAL ELEITORAL DE TORRES NOVAS»

CONVOCATÓRIA

- 1.º Nos termos dos Estatutos e do regulamento eleitoral, convoca-se a Assembleia Regional, para reunir em sessão ordinária, no próximo dia 14/5/76, para eleição do Secretariado Regional, para o triénio de 76-78.
- 2.º As candidaturas para aquele órgão deverão ser apresentadas até 20 (vinte) dias antes da data do ACTO ELEITORAL.
- 3.º A partir do dia 26/4/76 estarão patentes na Delegação de Torres Novas os cadernos eleitorais, podendo qualquer reclamação sobre os mesmos, ser efectuada nos 15 dias seguintes.
- 4.º Para além da Assembleia que funcionará na Delegação de Torres Novas — Rua Gen. José Vasconcelos Correia, 2, funcionarão também mesas de voto em Barreiras do Tejo, Mação, Santarém, Torres Novas, Minda, Tomar, Almeirim e Salvaterra de Magos, das 10 horas às 20 horas.
- 5.º As propostas de candidatura, deverão ao serem entregues, vir acompanhadas dos respectivos programas para serem divulgadas a todos os trabalhadores.

PELA DIRECÇÃO



Elementos do quadro tipográfico do nosso jornal confraternizam em Alcochete

Primeiro de Maio do "DL" foi de Alcochete a Peniche

Celebrado ontem para não colidir com os festejos do Dia do Trabalhador, o Primeiro de Maio do «Diário de Lisboa» avançou em duas frentes alegres, uma de autocarro, para Santarém e Peniche, a outra de «ferry-boat», na direcção de Alcochete. Rezam as crónicas que tudo decorreu com um alto espírito de camaradagem, havendo planos para que em 1977 o convívio redobre de tom.

O grupo de Alcochete era formado por sete elementos do quadro tipográfico, a que se associou o chefe de redacção. Madrugou-se, mas sem exagerar, e às 11 horas já se escolhiam pratos no restaurante (por pura prevenção). No barco Fernando Dias havia presidido a um sorteio de garrafas de vermute e caixas de fósforos, aliás muito a propósito, dada a utilidade de ambos os artefactos. Amadeu Ramires e Pascoal Guerreiro desfiavam histórias da casa, enquanto Gonçalves, Tito, Américo e Augusto Silva fingiam enlevar-se na contemplação das salsas ondas. Aquilo tudo era fomes como depois se viu.

Na vinda, pelo Montijo, houve tempo para meter «águas», e a meio da tarde já dava o grupo entrada (discreta) numa cervejaria de Lisboa, sonhando com uma coisa que não existe: marisco em conta. Ideias do tempo da outra senhora...

Quanto aos excursionistas do autocarro, quatro vezes mais numerosos e a o mpanhados por dois membros do Conselho de Administração começaram por tomar o pequeno-almoço em Bucelas para só demanda-

rem a capital do Ribatejo lá mais para as quintas. O ágape foi requintado, mesmo sem convites especiais. Uma escala no miradouro das Portas do Sol precedeu a segunda parte da viagem, até Peniche, onde estava prevista e se realizou, uma visita ao Forte guiada pelo director-interino.

EXCURSÕES abreu em autopullman

TRADIÇÃO NA QUALIDADE

Se está interessado numa excursão de pequena duração (1, 2 ou 3 semanas) peça-nos o livro (grátis) "EUROPA 76"



ANDALUZIA — 10 dias
Partidas: 19/6, 10/7, 7/21, 8/4, 9/ Esc. 6800S

ESPAÑA
ANDORRA E LOURDES — 11 dias
Partidas: 16/6, 21/7, 4/18, 8/8, 9/ Esc. 7900S

VERÃO AMENO — 21 dias
Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra.
Partidas: 5/8, 9/9 Esc. 22.170S

ESPAÑA E FRANÇA — 15 dias
Partidas: 11/7, 15/8, 12/9 Esc. 11.400S

ORGANIZACAO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros
MÓVEIS por desenhos e medidas
executa o fabricante

REQUINTE

Av. Almirante Reis, 110
(perto Pr. do Chile)
Tel. 82 31 76

QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário de estilo, estatuetas, «bi-blots» e enorme variedade de peças decorativas

GALERIA ACTUAL
Av. da República, 12



Em primeiro plano vê-se a cratera aberta pela explosão do engenho (ou engenhos). Ao fundo estão os destroços de um automóvel

Nacional

ALENTEJO

Autenticidade e lugar comum cruzaram-se no Primeiro de Maio

Os trabalhadores alentejanos não deixaram passar o 1.º de Maio em branco. Solicitados por um programa mais ou menos uniforme, organizado pelos sindicatos à semelhança do que aconteceu em todo o País, cumpriram-no sem grandes alterações. Houve porém trabalhadores que preferiram o convívio informal nas herdades colectivas. Sem esquemas nem programas. Ao sabor do espontaneísmo...

A reportagem do «DL» tentou agarrar o 1.º de Maio no Alentejo segundo vários ângulos. Por isso estivemos, durante a manhã em Évora, onde assistimos a uma concentração seguida de «manif» pelas ruas da cidade. Demos um salto à cooperativa de Santana de Portel. Ali participámos de um almoço ao ar livre. Com os tra-

baldo, uma banda de música, actuava por um grupo de espectadores.

VALE DAS DÚVIDAS

Treze horas em S. Manços. O movimento era escasso. Encontrámos somente um grupo de socialistas de uma cooperativa que comiam e bebiam junto de um tractor. Fizeram um 1.º de Maio à parte. Na cooperativa «Unidade de S. Manços» — a outra — iniciavam-se os preparativos para o almoço dos trabalhadores que se tinham deslocado a Évora. Os socialistas não quiseram juntar-se connosco — afirmou uma mulher da cooperativa onde se passava a azáfama.

Pela estrada fora em direcção a Beja. Descobrimos uma placa que indicava o ca-

to. Os trabalhadores rurais referem-se a ela com uma certa frequência.

O nosso primeiro contacto com a cooperativa coincidiu com a imagem de grandes painéis de ferro assentes sobre fogueiras no terreno fronteiro à fachada principal da moradia onde os Espírito Santos vinham passar os fins-de-semana com os amigos. Enquanto o ensopado de borrego cozia nos panelões visitámos, acompanhados por elementos da comissão de trabalhadores da herdade colectiva, o interior da casa. Vimos os cobres da cozinha. Os salões requintados. O armeiro onde os caçadores depositavam as armas. Os quartos... *Aqui era o quarto da dona Vera Espírito Santo* — informou-nos Francisco António Carvalho que durante anos desem-

cerca de 150 pessoas — acrescenta o nosso guia.

Os trabalhadores da herdade colectiva de Santana de Portel, ocupada em 10 de Abril de 1975 não utilizam as instalações da casa do latifundiário. Conservam a casa como um museu. No entanto o destino que eles pretendem dar ao casarão é sem dúvida o de Casa de Férias para os trabalhadores. Ou creche. Ou asilo de velhos. Ou casa de cultura e recreio. Ou lugar coisa do género. Actualmente a herdade colectiva emprega cerca de 400 trabalhadores. Is o é o mais importante...

Começou o almoço. Debaixo de um sol forte. Conviviam os trabalhadores, as suas famílias e alguns convidados. O nosso caso, por exemplo. Estava também um grupo de operários de Leiria, nas mesmas condições. E ainda os convidados da aldeia. O padre, o médico, o taxista, o funcionário público... Gente progressista. *Até o padre é da nossa cor* — conta um trabalhador. Como manifestássemos um certo espanto o nosso interlocutor continuou: *Essa a razão porque ele está aqui ou pensa que a gente ia convidar reaccionários?*

Comemos e bebemos. Num ambiente onde o Primeiro de Maio foi festejado com a máxima autenticidade. Nada de discursos. Nem de frases feitas. Relatavam-se os factos. Apenas... A política nunca esteve arredada do tema das conversas... Dois acordeonistas jovens tocavam modas do Alentejo. Um grupo de homens velhos acompanhava no canto. Canções que falavam da emigração dos rurais para a cidade. Partiam com uma enorme tristeza por deixar a sua terra, a namorada e a família. Iam para a construção civil ou para a fábrica. Homens desenraizados. A terra sempre foi o seu «habitat». Canções que falavam de lindas ceifeiras e do «pão sagrado»...

LUGAR COMUM

Abandonámos a herdade colectiva no melhor da festa. Com promessa de um regresso breve. E dirigimo-nos para Beja. Aqui, os tractores carregados de trabalhadores circulavam pela cidade: enfeitados com ramos de palmeiras e flores. Perto de duzentos e cinquenta reboques encaminhavam-se para o largo das piscinas. Os seus passageiros entraram para o Estádio onde se realizou um comício. Vieram de Ficalho, Cabeça Gorda, Salvada, Beringel, Pias, Vidigueira, Cuba, Ervidel, Amareleja... representar as populações trabalhadoras do distrito de Beja. O dia tinha-se iniciado com provas desportivas tal como nas outras cidades. Mas o desfile das galérias engalanadas foi o ponto mais significativo do programa. Si bolismo de festa. Da frescura do campo a alastrar-se pela cidade.

O comício foi igual a todos os comícios. Estádio invadido por uma mancha de gente. Bandeiras vermelhas e cartazes. *O Sol é belo, grandioso e puro. A Reforma Agrária é o nosso futuro* dizia um deles. Sucederam-se os discursos. Aconteceu uma largada de pombos. E sob o signo da unidade decorreu o comício. Uns faíavam de festa e reflexão outros de luta.

É necessário que a classe trabalhadora independentemente das opções políticas de-



Camponesas da região de Beja manifestaram-se no campo de futebol da cidade

monstre a vontade de caminhar para uma sociedade sem explorados. Que esteja disposta a defender as conquistas até às últimas consequências frisou um elemento da União dos Sindicatos do Distrito de Beja.

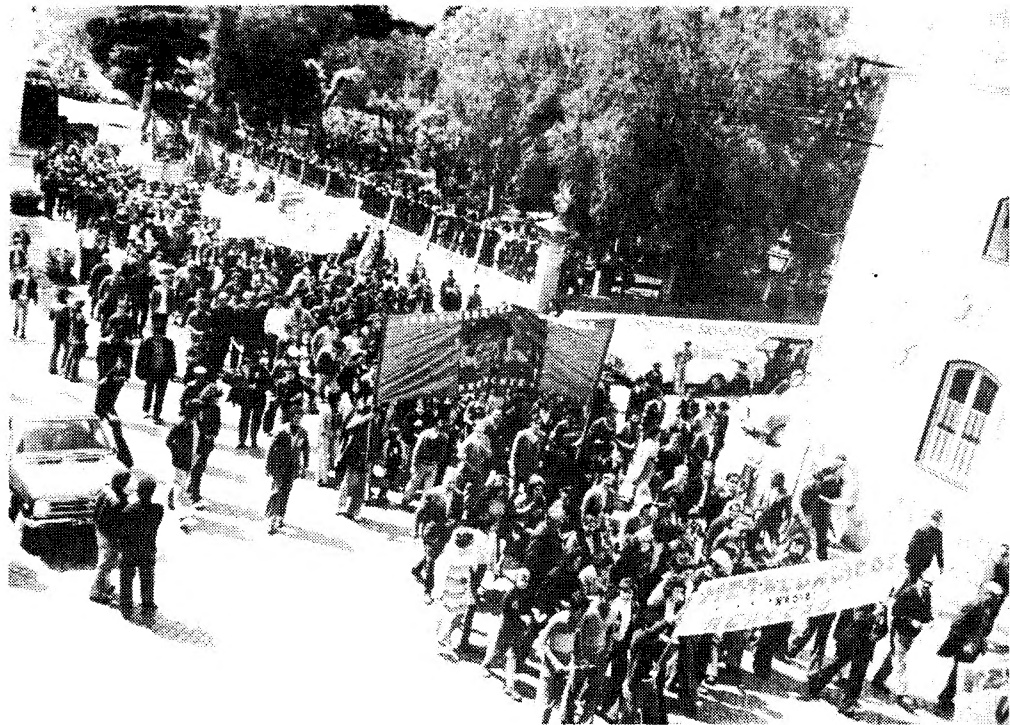
Discursaram representantes de sindicatos dos Ferroviários, do Sul, dos Metalúrgicos, dos Electricistas, dos Professores, da Construção Civil, dos Trabalhadores Agrícolas... Todos eles não ultrapassaram o lugar comum. Discursos de circunstância. Alguns dos porta-vozes dos sindicatos utilizaram uma linguagem radicalista que em determinado momento atingiu as raízes do ridículo. Os lugares comuns eram tantos que até aranha am a sensibilidade dos ouvintes. Especialmente o representante do Sindicato dos Professores e da Construção Civil. Se a luta se traduz pela

linguagem «escumalha capitalista» — então desde já podemos afirmar que fraca é a luta.

Foram lidas várias moções. Entre elas destacamos uma de protesto contra as recentes declarações do dr. Marcelo Curto quando comunicou que ia pedir ao Ministério Público a extinção da Intersindical. Houve também uma moção a contestar a prisão dos três soldados que se puseram ao lado dos manifestantes na altura dos acontecimentos junto ao Governo Civil onde perdeu a vida Manuel Pratas Palminha, operário da construção civil, vítima das balas da Polícia.

No final do comício, o chefe do Gabinete de Vi or Louro, transmitiu as saudações do secretário de Estado da Estruturação Ag ária cuja presença era aguardada por muitos trabalhadores.

LOURDES FÉRIA



Cortejo em Évora: milhares de operários e trabalhadores rurais desfilaram durante largo tempo pela cidade

balhadores rurais. E muita alegria. O 1.º de Maio, naquela herdade colectiva, estava no auge da animação. Uma festa vivida com vontade. Mas a nossa missão não era apenas viver o 1.º de Maio... Corremos para Beja. Chegámos no momento preciso em que as galérias se dirigiam para o Estádio onde decorreu o comício.

Em Évora o dia começou com foguetes. Tal coko indicava o programa. Depois da realização das provas desportivas o pessoal começa a concentrar-se no Rossio. Os trabalhadores foram aparecendo, bastante atrasados, nos reboques puxados por tractores. Vimos numerosas representações de cooperativas agrícolas expressão da Reforma Agrária nomeadamente a «Bento Jesus Caraca», «Pedro Soares», «Salvador de Pomar», «Santa Sofia», «S. Manços», «S. Gregório» e muitas outras. A classe operária também compareceu.

Os cartazes da construção civil e dos metalúrgicos assinavam a sua presença. *Ficámos fartos de fome, não queremos voltar atrás* — dizia um cartaz empunhado por trabalhadores agrícolas de Portel. Eles lá sabem porquê... A manifestação constituída por trabalhadores do campo e da cidade, unidos na mesma festa (e na mesma luta) percorreu as ruas da cidade. Entretanto, na Praça do Ge-

minho para o Vale das Dúvidas. As nossas dúvidas, de pressa, se dissiparam porque a herdade colectiva, aquela que procurávamos ansiosamente, estava à vista. Foi ali que abancámos. E nos banquetearmos com um bom ensopado de cabrito. Na herdade que pertenceu à família Espírito Santo. Onde os almirante Américo Tomás costumava ir a umas caçadas. Hoje os trabalhadores rurais transformaram os campos incultos, pasto de perdizes e coelhos, em belas searas de trigo que estão lá para quem quiser ver. A propriedade está num brinquinho. Terras cuidadosamente tratadas. Oliveiras limpas e aparadas. Mato arrancado. São perto de 500 hectares prontos para a produção. Palavra que o anterior proprietário desconhecia. Como tantos outros latifundiários alentejanos absentistas, que não viviam da terra, embora tivessem muita, também a família Espírito Santo conservava as herdades pura e simplesmente para a criação de caça. As batidas, no Vale das Dúvidas, tornaram-se famosas sobretudo quando eram abrilhantadas pela presença de Américo Tomás e outras reliquias do fascismo português. Um divertimento para os senhores. Fome e miséria para os trabalhadores. Essa fase da herdade de Santana de Portel ainda não caiu no esquecimen-

penhou naquela casa a função de moço das caldeiras. Nos tempos livres limpava as carpetes de Arraiolos que cobriam de uma maneira geral quase todas as dependências da moradia.

Trabalhava durante toda a noite para aquecer os quartos. As vezes quando o serviço não apertava dormia uma ou duas horas em cima de uns sacos de palha. Naquela altura os trabalhadores não podiam dizer nada senão os patrões despediam-nos. Trabalhávamos que nem umas bestas e eles depois limpavam-nos os beiços com uma nota de 20 mil réis comenta o ex-moço das caldeiras que agora recuperou a dignidade perdida. Aderiu à cooperativa. Nela é um homem igual aos outros.

O PADRE É DA NOSSA COR

Continuámos a visita guiada. «Aqui era o quarto do Américo Tomás» disse-nos. De facto o Tomás ficava bem instalado. Num quarto em que a tonalidade dominante da decoração era o cor-de-rosa. Ainda permanecemos nos quartos da casa as águas de colónia, os cremes dos antigos proprietários da herdade. Na mesa de cabeceira de um dos quartos havia um livro de Jean-Jacques Servan Schreiber. Perdido... Para as caçadas vinham habitualmente

PORTO

Não se viu a força gigantesca dos trabalhadores

PORTO, 3 — Não se poderá dizer que no 1.º de Maio português tenha concretizado o objectivo proposto: «Jornada de Luta na festa de Unidade dos trabalhadores», apesar de dezenas de milhares de trabalhadores terem descido à «Baixa» sem preconceitos partidários. Festa sim, houve ao longo do dia, com sobejos motivos de interesse. Bandas, «Zés-pereiras» ranchos, cantares, etc., a variedade que acontece em muitas festas.

Terá faltado, no entanto, para além do comício-concentração, qualquer coisa que mostrasse a força gigantesca dos trabalhadores quando organizados, qualquer coisa que mobilizasse a massa trabalhadora para a luta contra o terrorismo, pela defesa das conquistas já alcançadas, contra a recuperação capitalista, etc. com mais ou menos festança.

Apesar de tudo, foi significativa a unidade manifestada no comício. Deixando as amarras partidárias e seguindo os vínculos de classe, largos milhares de trabalhadores, concentrados na praça General H. Delgado e av. dos Aliados irmanaram-se nas análises e propósitos levantados pelos oradores.

O elevado número de sindicatos — cerca de 50 — participaram na organização das comemorações foi salientado por Salgueiro Barros do secretariado da U.S.P. como prova clara da unidade crescente dos trabalhadores, tendo referido ainda aquele elemento que a participação lado a lado de sindicatos filiados e não filiados na Intersindical constitui o fortalecimento dessa unidade. Ape-

lando para o reforço da unidade adiantou: «os trabalhadores, unidos e organizados, são a melhor barreira contra todos quantos pretendem liquidar a democracia e anular as conquistas que alcançamos».

Na sua intervenção, Manuel Portugal, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório sublinhou:

«Em vez de medidas contra o desemprego, vemos sair leilão que permite aos patrões reduzir o tempo de trabalho semanal para três dias... a resolução do problema do desemprego passa, em grande parte pela planificação do desenvolvimento da sociedade portuguesa, tendo em conta os reais interesses dos trabalhadores. E isto só um estado que não sirva os interesses dos capitalistas o pode fazer».

Noutro passo salientou: «Os fascistas não desistem de tentar restaurar a ditadura terrorista dos monopólios e latifundiários e do imperialismo. Um dos maiores obstáculos a inidões dos trabalhadores é a unidade dos trabalhadores e a força de um movimento sindical coeso e determinado na luta pelos interesses gerais e mais profundos dos trabalhadores».

Após referir a falta de liberdade sindical em várias zonas do país como Viseu, Vila Real, Bragança e acções terroristas desenvolvidas nessas e noutras regiões, denunciou: «O QUE OS FASCISTAS PRETENDE paralisar a acção do movimento sindical pela intimidação, pela desunião e desorganização dos trabalhadores, preparando o campo para o retorno da exploração desenfreada».

LISBOA

Um estádio chamado "Unidade"

Aquilo que nos separa é incomparavelmente menos do que tudo aquilo que nos une. Este espírito de classe levou centenas de milhares de trabalhadores a comemorarem festivamente o 1.º de Maio, dia Internacional dos Trabalhadores, o terceiro que se celebrou em clima democrático. Uma palavra de ordem aparentemente esquecida, símbolo dos primeiros meses da libertação, deixou de novo nas ruas da capital o eco de um poderoso movimento de massas empenhado na defesa da Constituição, das conquistas populares da revolução, da unidade de todos os trabalhadores irmanados por objectivos comuns: «o povo unido jamais será vencido». Em casa, ficaram os emblemas e as bandeiras partidárias. Cá fora, dominou o mundo dos que trabalham e tudo produzem.

O tema da unidade dominou a festa do 1.º de Maio em todo o País. Na capital, centenas de milhares de trabalhadores desceram à rua, desde manhã, participando ou assistindo às provas desportivas de carácter popular organizadas pelos sindicatos em colaboração com a Direcção-Geral dos Desportos. As comemorações convergiram para o Estádio 1.º de Maio, local da concentração e do comício.

Aqui, os oradores, representando diversas tendências existentes dentro do movimento sindical, axordaram, com conclusões idênticas, o problema da unidade da classe trabalhadora na defesa das conquistas da revolução e na construção da sociedade futura.

«Acaso, os capitalistas exploram maos ou menos os trabalhadores consoante as suas preferências partidárias?», perguntou Kalidás Barreto, representante da Federação dos Têxteis, ex-deputado pelo PS na Assembleia Constituinte. «Somos todos explorados, somos todos oprimidos. Porque razão poderá frutificar entre nós a discórdia e a divisão? Porque há-de ser possível, entre nós, a semente do ódio e o germe da intolerância? Porque razão devemos de permitir a nossa desunião quando todos sabemos que a nossa força reside na nossa razão e na força da nossa unidade?».

Apelando no sentido da unidade — que «não é uma aliança eventual» nem «um pacto entre forças diversas para atingirem determinados objectivos» —, Kalidás precisou os objectivos da luta dos trabalhadores: defesa das «nossas conquistas», combate pela «nossa libertação», defesa da central sindical única.

Sendo comum a perspectiva unitária, também foi o reconhecimento da necessidade da confederação sindical única. «O Movimento Sindical Unitário, com a sua dinâmica, com a força que lhe confere o facto de ser movimento unitário de massas com carácter de classe, está intimamente ligado a



todas as grandes conquistas do 25 de Abril», lembrou, a este respeito, o representante o secretariado da Intersindical.

«Por isso» — acrescentou — «os inimigos da liberdade e da democracia são os inimigos dos trabalhadores e do seu Movimento Sindical Unitário. Por isso todas as tentativas que visam enfraquecer o Movimento Sindical constituem graves atentados às conquistas alcançadas, às liberdades democráticas, aos trabalhadores».

O representante da Inter recordou a próxima realização do II Congresso dos sindicatos portugueses, já anteriormente anunciado. A este respeito, afirmou o representante do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas: «O actual secretariado da Intersindical está vinculado a esse congresso. Cabe-nos a nós, trabalhadores portugueses, lutar pela sua organização, e promover a mais larga discussão de todas as teses e documentos que sejam apre-

sentados ao congresso democrático de todos os sindicatos».

AVISO SOLENE

Este orador, representando, por extensão, os sindicatos de serviços do distrito de Lisboa, considerou a festa do Estádio 1.º de Maio «um passo em frente no reforço do movimento operário», realçando o seu carácter decisivo para a «construção da central sindical única, democrática e independente, com direito de tendência, que será a garantia de que sabremos defender, até ao fim, as conquistas da nossa revolução, e a nossa Constituição».

E acrescentou:

«A nossa unidade avisa solenemente as forças da burguesia, mais uma vez derrotadas nas últimas eleições, que não tenham a veleidade de tentar pisar a força organizada dos trabalhadores; a nossa unidade avisa solenemente a burguesia para que não ouse pôr em causa a liberdade e a democracia dos trabalhadores».

Este aviso bem se justifica, se recordarmos as palavras do representante do Sindicato dos Metalúrgicos. «Nestes últimos meses vivemos momentos difíceis, em que capitalistas e latifundiários procuraram recuperar todo o terreno perdido desde o 25 de Abril de 1974», disse.

«Foi uma constante a tentativa dos patrões regressarem às empresas controladas pelos trabalhadores, assim como os ataques contínuos à Reforma Agrária. A tudo isto somou-se o congelamento da contratação colectiva, o aumento em flecha dos preços dos bens essenciais, o saneamento de homens progressistas, a ameaça de desemprego para vastas camadas da população, a libertação dos «pides», carrascos implacáveis do nosso povo, a integração em lugares públicos de conhecidos contra-revolucionários, os atentados bombistas, tudo se conjugando para criar um clima de intimidação, um clima de medo e desânimo, um clima que influenciasse os resultados eleitorais».

No entanto, «os trabalhadores não se deixaram levar» — acrescentou o dirigente sindical dos metalúrgicos. «Nos momentos decisivos, sempre que a direita tem apostado na divisão dos trabalhadores, o movimento de massas, o movimento sindical unitário, cresce com novo vigor e organização».

Porquê? É que «os trabalhadores sabem que isolados não são nada, mas juntos, como

provam os ensinamentos de lutas passadas, unidos por fortes amarras que ligam todos os que vivem do seu trabalho, seremos a corrente caudalosa capaz de afastar todos os obstáculos, capaz de fazer recuar para as margens os que oprimem e exploram».

MARGEM DE CERTA MANEIRA

Enquanto, no Estádio Primei-



ro de Maio, Kalidás Barreto lembrava que «sem perder a dignidade e a honra, é preciso distinguir entre o que é essencial e o que é supérfluo», alguns milhares de pessoas comemoravam noutro local, à sua maneira, o Dia do Trabalhador.

A iniciativa deveu-se a um grupo de sindicatos afectos à linha sindical da U.D.P., que, naturalmente, a apoiou, juntamente com o M.E.S., o P.R.P. e algumas comissões de moradores e trabalhadores. O programa incluiu canções revolucionárias, piquenique, manifestação e, finalmente, comício na Alameda D. Afonso Henriques.

«O 1.º de Maio, Dia Mundial dos Trabalhadores, sempre foi em Portugal símbolo de luta contra o fascismo, de duros combates nas ruas, que todos os anos faziam bater mais forte o coração do nosso povo, e forjavam a vontade de lutar pelo derrube do regime fascista», afirmou um orador, nesse comício.

Colocando a tónica na luta contra o fascismo e o poder do capital, estes elementos recusaram integrar-se na grande aornada unitária do Estádio Primeiro de Maio, que consideraram excessivamente festiva.

Por isso mesmo não ouviram as palavras do representante da Inter naquele Estádio, ao afirmar perante um mar de gente: «O 1.º de Maio é uma jornada de unidade, de luta e de festa. De unidade, porque está é o profundo anseio das massas trabalhadoras; de luta, pelo que ainda há a conquistar; e de festa, pelo que já foi conquistado».

Também o M.R.P.P. e a U.C.R.P. (m-l) promoveram comemorações em separado. A segunda, concentração particularmente, não conseguiu reunir mais de algumas de-

A mensagem de Costa Gomes

As palavras de Costa Gomes não deixaram de se ouvir no Estádio Primeiro de Maio. O Presidente da República endereçou a seguinte mensagem aos trabalhadores, lida por um elemento da organização:

Associando-me à vossa festa, comemorativa do Dia Mundial do Trabalhador, envio a todos os trabalhadores domeu País sinceras felicitações, pedindo-vos a vossa colaboração generosa e actuante, indispensável à reconstrução de Portugal.

Solicito-vos igualmente que torneis extensivas a todas as delegações de trabalhadores de países estrangeiros e amigos as felicitações que vos endereço.

A sua participação na vossa festa vem estreitar os laços tão necessários da fraternidade humana, condição básica para o estabelecimento da paz universal.

nas de assistentes. Os caminhos da unidade das massas trabalhadoras não passaram por lá.

ALEGRIA

A alegria dominou o final de tarde no Estádio Primeiro de Maio. Canções e poesia encerraram as comemorações: Ary dos Santos, Barata Moura, Fer-

nando Tordo, José Jorge Letria, Fernando Farinha, Intróito, e o coral das Minas de S. Domingos comandaram as operações.

Resta lembrar as principais palavras de ordem: «o povo unido jamais será vencido» (imprevista), «trabalhadores unidos jamais serão vencidos», «trabalho sim, desemprego não», «capitalistas não, não regressarão», «Reforma Agrária sim, latifúndio não», etc..

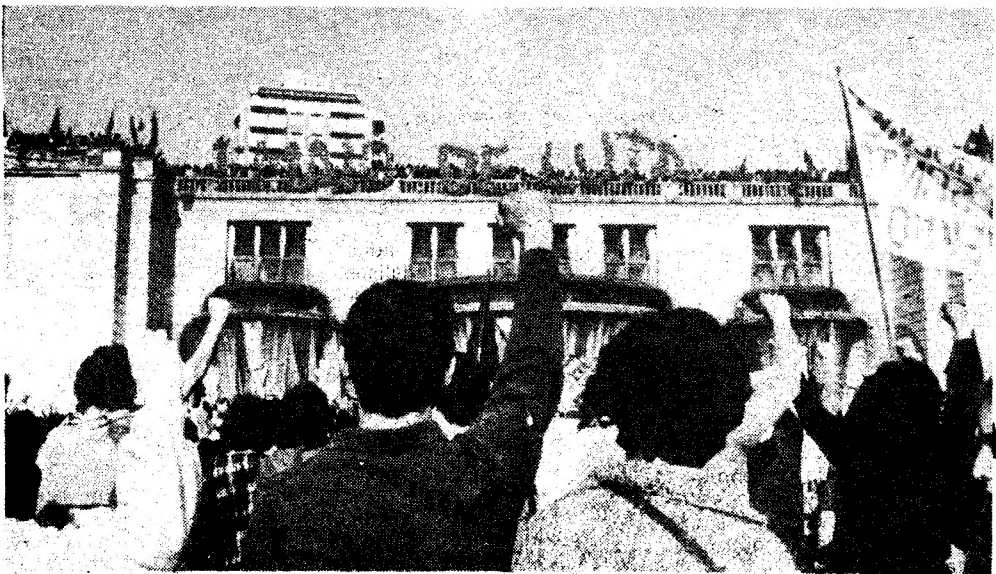
Camponeses do Norte também comemoraram

Em Penafiel aconteceu, no 1.º de Maio, festa, unidade e luta. Um 1.º de Maio comemorado um dia depois da data. Os assalariados rurais, rendeiros, caseiros e pequenos e médios agricultores da região do Porto e de Braga responderam ao apelo do Movimento dos Agricultores e Rendeiros do Norte (MARN) e dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas do Porto e de Braga em colaboração com a União de Sindicatos do Porto. Camponeses do Norte deram assim o seu contributo para a jornada do 1.º de Maio que decorreu em Penafiel: com a sua presença e a sua determinação na luta contra os senhorios ricos.

As palavras de ordem dominantes concentração de Penafiel relacionavam-se com os despedimentos, a exigências da aplicação da Lei do Arrendamento Rural e a denúncia dos grandes intermediários. Manuel de Sousa da Comissão Directiva do MARN referiu-se no seu discurso ao artigo da

constituição que prevê a necessidade de uma Lei do Arrendamento Rural. Lembrou ainda que «terão de ser validadas as manobras da direita no sentido de se discutir a Lei na Assembleia da República». Usou da palavra José Pinto, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Porto que dirigiu um apelo aos trabalhadores das quintas, dos pomares, das empresas pecuárias, das hortas para se inscreverem no sindicato pois «só unidos e organizados» poderão vencer. José Martinho, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Braga abordou o mesmo tema do seu camarada do sindicato do Porto. E orientou o seu discurso dentro da mesma linha de orientação.

Usaram da palavra também Oscar Cardoso, do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, António Ribeiro do MARN e Mário Alves da União dos Sindicatos. A festa terminou com um convívio durante o qual houve sessões de descante popular.



As organizações políticas de extrema-esquerda e alguns sindicatos afectos à linha sindical da UDP comemoraram autonomamente o Dia do Trabalhador

Estrangeiro

DOIS ANOS DE PAZ NA GUINÉ-BISSAU (1)

A caminho duma sociedade mais moderna e mais justa

Daniel Reis

Os últimos guerrilheiros do PAIGC sacrificados em prol da libertação nacional morriam em combate na estrada Cantchungo (1) — Cacheu a 26 de Abril de 1974: já Caetano se rendera no Carmo, já Spínola subira ao poder, já o Povo português festejava a sua libertação. Exactamente um mês depois, sangue de soldados portugueses tingia, pela última vez, a Pátria de Amílcar Cabral: como fecho de uma guerra injusta, o comandante de Farim mandara patrulhar áreas perigosamente próximas de Irmãocono, base principal dos patriotas na Frente Norte, com um saldo inglório de sangue e sofrimento.

De então para cá, não mais se ouviram «AKAS» e «G-3» trocar cumprimentos mortíferos nas matas e bolanhas (2) da Guiné-Bissau. O «napalm» não queima, mais, os corpos e as culturas, as bombas já não destroem hospitais e escolas.

A 10 de Setembro do mesmo ano, Portugal reconhecia «de jure» a República da Guiné-Bissau e poucos dias depois a tropa colonial retirava definitivamente. A direcção do PAIGC entrou a 19 de Outubro na sua capital. Entretanto, que vida se viveu naquele pequeno país de 36 mil quilómetros quadrados, na África Ocidental? Que perspectivas se oferecem a este povo de apenas 800 mil seres, mas de múltiplas tribos e vincadas diversidades culturais?

vas bastante baixas: acolheram-se dezenas de milhares de refugiados que a guerra tinha empurrado para o Senegal ou para a Guiné-Conakry e continuam os esforços para trazer os restantes, antes da próxima estação das chuvas, num total que se julga atingir as 150 mil pessoas.

Num esforço gigantesco para fazer sair o país do analfabetismo e do atraso colonial investem-se cerca de 20 por cento do Orçamento do Estado na Educação e hoje, uns 13 por cento da população frequenta a escola primária. Começam a surgir os hospitais construídos depois da libertação: o primeiro, no Gabú (antiga Nova Lamego) está quase pronto e deverá ser inaugurado ainda no mês de Maio, enquanto continuam a construir-se os hospitais de Farim, Morés, Sonaco, S. Domingos, Catió e Bubaque.

las. Para um prazo de cinco anos, arrancaram os estudos e os projectos do primeiro grande investimento industrial, baseado na agricultura: em 1981 estará a funcionar no Rio Gambiel uma fábrica de açúcar que exige investimentos da ordem dos três milhões de contos, para uma produção anual de 60 mil toneladas e com a criação de 2300 novos empregos fixos, fora os sazonais, na recolha da cana sacarina.

Dois exemplos concretos explicam melhor a política popular em marcha na Guiné-Bissau. No Senegal, país vizinho, a Norte, independente há uns 15 anos, os produtos agrícolas são pagos aos camponeses sensivelmente ao mesmo preço da Guiné-Bissau. Só que o custo de vida é seguidamente duas vezes superior, ou mais, com a consequente erosão no poder de compra da maioria da população. Além disso, o arroz e a mancarra produzidos e entregues aos intermediários são pagos no ano seguinte. Na Guiné o pagamento é feito à boca do cofre, isto é, no acto da entrega da produção nos armazéns do povo, espalhados por todo o País.

Quando os volumes da pesca aumentaram espectacularmente, devido à formação de uma sociedade mista com a União Soviética, outro governo, que não um governo progressista, seria tentado a manter os preços, aumentando, assim, as receitas do Estado. Na Guiné, o preço do peixe baixou imediatamente para metade situando-se a 15 escudos o de primeira e a oito o de segunda.

Claro que muitas destas realizações só foram possíveis graças à ajuda de países amigos e organizações internacionais. Para citar apenas alguns exemplos, há que referir Portugal, com a cooperação de umas nove dezenas de professores para o liceu e a escola técnica de Bissau, a Suécia que concedeu um largo donativo para o arranque das pequenas indústrias transformadoras e para a compra de veículos automóveis, a União Soviética, que forneceu médicos, material hospitalar, barcos de pesca (ao lado de carros de combate e de aviões Mig), Cuba, Alema-



Segundo Buijtenhuis, «os novos líderes da Guiné-Bissau (...) prosseguem uma política para o povo, e as críticas de certos esquerdistas europeus não são fundamentais neste ponto»

nia Democrática, com médicos, técnicos diversos, bolsas de estudo e material de ensino, a China, com a concessão de um empréstimo volumoso, sem juros e a longo prazo, e com o envio de técnicos de orizicultura, o Brasil, Panamá, outros países capitalistas. A cooperação decorre também a diversos níveis, com a PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), FAO, Alto Comissariado para os Refugiados, UNESCO e outros organismos internacionais.

AS MARCAS DO COLONIALISMO

As dificuldades, no entanto, persistem: a taxa quase absoluta de analfabetismo limita todas as ambições de progresso sensível a curto prazo, e o atraso total, em todos os níveis, deixado pelos colonialistas, ao fim de cinco séculos de exploração, maracará o país por muitos e muitos anos. Basta ver que os agricultores balantas utilizam hoje o mesmo arado manual que utilizavam os seus avós quando os marinheiros portugueses chegaram aos rios da Guiné. Nem conseguiram ensiná-los a utilizar a força animal nos trabalhos agrícolas!

Entrando mais a fundo na actualidade deste país novo podemos juntar ao rol infundo de problemas a quase absoluta

dependência externa, inclusive em alimentação. Só daqui por um ou dois anos se espera garantir a autosuficiência alimentar básica da população. Há também a escassez de meios de pagamento derivada da fraca produção interna, ainda mais limitada pela dependência do Banco Nacional Ultramarino, até há poucos meses. Houve que fazer face a complicações da fronteira e às provocações de grupos de antigos comandos spinolistas que, não tendo constituído perigo grave, impediram a desmobilização de guerrilheiros, como o PAIGC pretendia, para os integrar em cooperativas agrícolas. Há o enorme aparelho burocrático, deixado pelos portugueses e antes muito ligado à máquina da guerra: não funciona, desgasta as finanças e ameaça devorar o projecto político do PAIGC, se entretanto não for desmontado, como prometem os dirigentes e como as dificuldades económicas vão, certamente, exigir.

Perante tais obstáculos a tentação do autoritarismo, e da progressiva neocolonização surgiria, inevitavelmente, com outro regime que não este, com outra gente que não esta, forjada numa lenta guerra popular de doze anos de duração. E é assim que, passados dois anos de paz, ano e meio de controlo efectivo de todo o país, avaliadas as possibilidades e os recursos, sabido aquilo com que pode contar-se, a Guiné-Bissau se prepara para entrar numa fase nova, a que o III Congresso do Partido, a realizar no fim deste ano, vai definir os contornos.

Por mim, ficou-me o convencimento, ao fim de catorze meses de vida no calor deste processo guineense, que a manutenção da linha justa, até aqui seguida, só deverá dar às sucessivas dificuldades encontradas e porventura agravadas uma resposta: radicalização cada vez mais demarcada no caminho do progresso e da justiça.

OS MAIORES PROBLEMAS NAS CIDADES

A situação política interna, marcante neste ano e meio de controlo sobre todo o território da Guiné, pode resumir-se na tendência para o domínio da burocracia do Estado sobre o trabalho político do partido. Aí entramos amostras pontuais



Tabanca no interior da Guiné-Bissau. A estratégia do desenvolvimento económico aponta para a agricultura como primeira prioridade e para as pequenas unidades industriais transformadoras dos produtos agrícolas

Os 14 meses que lá trabalhei levam-me a não ter dúvidas em afirmar que, na Guiné-Bissau, se continuam a criar as condições políticas, económicas e culturais necessárias à liquidação da exploração do homem pelo homem e de todas as formas de sujeição da pessoa humana a interesses degradantes em proveito de indivíduos, de grupos ou de classes, como é objectivo fundamental da Constituição Política da antiga colónia portuguesa. Levam-me também a apoiar o que um sociólogo holandês (3), conhecido na Europa culta pelos seus trabalhos sobre os movimentos camponeses da África, escreveu recentemente:

Os novos líderes da Guiné-Bissau prosseguem uma política económica e social progressista, uma política para o povo, e a críticas de certos esquerdistas europeus não são fundamentadas neste ponto. A Guiné-Bissau situa-se, sem dúvida nenhuma, entre os países africanos que melhor defendem os verdadeiros interesses do povo, no mesmo plano que, por exemplo, a Tanzânia e a Somália. (...) Os líderes políticos da Guiné, podem, portanto, sem corar, reclamar-se herdeiros de Cabral

porque é muito provável que este, nas circunstâncias concretas da Guiné, tivesse prosseguido uma política bastante semelhante à deles.

Em que medida é que isto acontece, é o que procurarei descrever em meia dúzia de artigos sobre a República da Guiné-Bissau, que incluem entrevistas com o Presidente da República e com o ministro do Desenvolvimento Económico e Planificação, e as informações que me pareceram úteis aos leitores do «Diário de Lisboa».

PAGAR O DOBRO AO CAMPONÊS VENDER O PEIXE POR METADE

Em sucessivas decisões governamentais, aumentou-se para o dobro o preço do arroz e da mancarra (4) pago aos camponeses, enquanto se reduzia para metade o custo do peixe nos mercados. Os salários mais baixos foram duplicados, no funcionalismo público, a terra foi nacionalizada, proibindo-se, em consequência os contratos de arrendamento. O aparelho da saúde foi posto inteiramente ao dispor da população, gratuito no primeiro ano e agora a taxas progressi-

A estratégia do desenvolvimento económico aponta para a agricultura, como primeira prioridade e, para as pequenas unidades industriais transformadoras dos produtos agrícola-



Apesar dos problemas sentidos, foi nas cidades que o P.A.I.G.C. viu provada, em 1975, a força segura do partido

Estrangeiro

Dois anos de paz na Guiné-Bissau

Continuação da pág. 10

de repressão que já estão a ser corrigidas. Nota-se, agora, o reactivar do trabalho do partido, o que demonstra a consciência do perigo e a decisão de o anular. Houve que organizar uma administração. O ano passado foi o ano do Estado. Este será o do partido, como declarou, em tempos Aristides Pereira.

Nos centros urbanos foram destacados, dirigentes do partido, para apoiar os Comitês e ajudar ao seu lançamento. Por exemplo: para o Comité 24 de Setembro, que se implanta na área propriamente urbana de Bissau, no centro comercial, do cimento e dos ministérios, foi nomeado o comissário da Economia, Vasco Cabral, que é membro do «bureau» político do PAIGC. Acompanham-no mais dois dirigentes experientes e de certo peso na hierarquia.

Nas regiões (o país divide-se em oito), nomeadamente naquelas que estavam sob controlo da tropa portuguesa, estão já a trabalhar secretários políticos, exclusivamente votados a organizar e dinamizar Comitês de base, as células mais importantes da vida do país, segundo dispõe o Estatuto do PAIGC.

Nas antigas regiões libertadas, a vida política corre normalmente, como durante a guerra, com a população a administrar-se a si mesma, a produzir e avançar.

É nas cidades que o PAIGC encontra os seus maiores problemas e dificuldades sérias de implantação. Mas foi também nas cidades que este último ano trouxe uma prova segura da força do partido. Por razões de diversa ordem e que o ministro da Economia nos explicou em entrevista que contamos publicar, os salários, em vários ministérios e serviços autónomos chegaram a estar atrasados uns três meses. Pois apesar de um outro outro protesto isolado, compreensível, o povo compreendeu: adaptou-se à situação e ajudou a

ra o campo, também não deixam de ser encarados como medidas impulsionadoras da justiça social que se pretende. Controlo mais efectivo dos preços, abaixamento das rendas de casa, são outras questões em aberto e em discussão.

Para tomar decisões destas é necessária muita força política

avanços. Alude também a choques que uma radicalização apressada talvez tivesse já provocado.

Na posse de todos estes dados, ao abandonar o país num momento em que a expectativa dessa radicalização é notória (a conjuntura económica interna assim o diz, tal como a situação revolucionária geral em

nuam em armas, tal como durante a luta, embora se dediquem à produção, quer pelos militantes (a maior parte armados) deste partido, que expulsou do seu país uma imponente máquina de guerra colonial e hoje quer, apenas, avançar em paz e tranquilidade para uma sociedade nova e mais justa.



A esperança média de vida na Guiné não ultrapassa muito os 35 anos. O que quer dizer alguma coisa sobre o esforço a desenvolver, no futuro, neste país hoje livre e independente

ca: do partido que decide, do Estado que executa. Talvez, por isso, foram sendo adiadas.

«ATÉ PODE HAVER UM OU OUTRO CHOQUE»

A nossa sociedade está numa fase de transição e uma fase como esta é muito difícil, dizia o presidente Luís Cabral, não há muito, aos alunos do sétimo ano do Liceu Kwame

África), julgo que tudo o que possa acontecer, na Guiné, dificilmente terá algum êxito contra o PAIGC ou em seu desfavor. Mesmo quaisquer tentativas de golpe, como a ocorrida em Moçambique e tão sonhadas pelos saudosos do colonialismo, não parecem com a mínima hipótese de sucesso. Parece-me até que nem será ariscado avançar mais neste campo e admitir que uma tomada de poder na capital por qual-

«COLONIALISTAS? NEM VÊ-LOS!»

Concluo esta prosa sobre a actualidade da Guiné-Bissau com a transcrição de uma conversa mantida nas cercanias de Bissorã com um velho camponês mandinga, homem grande com dez filhos e uma casa de trabalho.

Eu tinha 100 vacas antes de começar a guerra. A tropa matou-as todas dizia-me ele, enquanto fazia com o braço estendido, a mão direita e o indicador, o gesto de quem as fuzilou à queima-roupa. Consegui salvar umas 15 porque, entretanto, as levei para uma tabanca (5) longe daqui. Agora que a guerra acabou, já trouxe as que sobraram e vou criar mais. Este ano colhi uma tonelada de mancarra. No próximo ano ainda vou semear mais, pois o partido paga bem a mancarra. Arroz tenho muito: dá para comer durante todo o ano, à vontade. Há comida para todos. Médico também tem. Há um em Bissorã, francês, mas negro como eu (Referia-se a um maliano que trabalha no hospital local, mas fala francês). Escolas há muitas, nas tabancas, e bonitas. Com o partido está bem. A sua exclamação final, em crioulo («Tugas? A mim cá fia!», diz bem do seu estado de espírito e certamente do que pensa a massa camponesa, que constitui, de longe, a grande maioria do povo da Guiné-Bissau. Em português, é mais ou menos como quem diz: Colonialistas? Nem vê-los!

DANIEL REIS

Notas a referências do texto:

- 1 — Antiga Teixeira Pinto
- 2 — Campos de arroz
- 3 — ROR BUJENCHUNG: «La Guinée-Bissau, indépendante et l'héritage de Cabral», na revista «Kroniek van Afrika», 6/2/1975.
- 4 — Amendam, em crioulo, mas definitivamente adaptada mesmo na escrita em português.
- 5 — Aldeia.

APÓS SUPOSTO ACIDENTE

A família de Panagoulis diz que foi assassinado

ATENAS, 3 — (R.) — A família do político oposicionista grego e herói da resistência Alexandros Panagoulis, morto num acidente de viação no fim-de-semana, declarou ontem que ele foi assassinado e acusou o Governo de encobrir a conspiração de assassinio contra ele.

O irmão de Panagoulis, Stathis, e advogados da família declararam numa conferência de Imprensa, que foi intentada uma acção contra pessoas desconhecidas em relação com a morte do parlamentar liberal de 37 anos.

«As provas recolhidas até agora mostram que a sua morte se ficou a dever a um acto criminoso — lê-se num comunicado emitido pela família.

Dirigente oposicionistas gregos sugeriram também que Panagoulis pode ter sido assassinado, embora um informador da polícia tenha comentado: «com base nas provas recolhidas até agora, está para além de qualquer dúvida que Panagoulis encontrou a trágica morte num acidente de automóvel».

O político foi morto quando o automóvel em que viajava colidiu com um muro após ter feito uma manobra para se desviar de outro veículo que a polícia continua a procurar.

O comunicado da família afirma que uma investigação independente levada a cabo por um técnico da firma automóvel italiana Fiat mostra que Panagoulis foi obrigado a sair da estrada quando a outra viatura fez uma curva ilegal em forma de U.

O Governo grego «escondeu provas cruciais que apoiam a existência de uma conspiração de assassinio contra Alexandros» acusam Stathis Panagoulis e os advogados.

A família acrescenta que prosseguirão as investigações visando lançar luz «sobre muitos pontos sombrios e não explicados do caso».

E liga a afirmação feita por Alexandros de ter arquivos secretos detalhando as actividades da receada polícia de segurança de Atenas sob o regime da Junta dos Coronéis, assim como «elementos recolhidos até agora» sobre a sua morte como prova de que ele foi deli-

beradamente atacado.

Os dirigentes oposicionistas George Mavros e Andreas Papandreou apoiaram a teoria de que Panagoulis pode ter sido assassinado.

Papandreou comparou a sua morte ao assassinio do parlamentar esquerdista Grigorios Lambrakis, em 1963.

Espera-se que a oposição tente fazer capital política do incidente, acusando o Governo de não ter conseguido depurar as Forças Armadas e a Polícia de elementos pró-junta.

Panagoulis morreu quando viajava de automóvel ao longo da mesma estrada marginal onde tentou assassinar o antigo ditador George Papadopoulos, em 1968. Foi condenado à morte pela tentativa, mas depois, a pena foi suspensa.

Segundo a polícia de Atenas, as investigações mostram que Panagoulis teve morte instantânea. De acordo com a autópsia, o nível de álcool no sangue era inferior ao limite legal.

A polícia acrescentou que o outro carro envolvido no incidente se deslocava em frente de Panagoulis. Quando abrandou para voltar à esquerda, o automóvel do político saiu da estrada e esmagou-se contra uma parede, segundo testemunhas oculares.

A noite passada o Governo apelou para dirigentes oposicionistas e para o povo no sentido de apresentarem qualquer informação que possa auxiliar a investigação.

Um informador governamental lamentou as declarações de dirigentes oposicionistas que, segundo disse apenas alimentam paixões e dão lugar a rumores.

Segundo o citado informador, o Governo ordenou um inquérito completo. A família Panagoulis foram dadas todas as facilidades para nomear médicos e peritos para a autópsia do corpo e exame mecânico da viatura. Acrescentou o informador que a investigação será completada hoje, o relatório dos técnicos mostrará se o carro de Panagoulis foi atingido e forçado a sair da estrada.

Panagoulis terá funeral de Estado, a que tem direito como membro parlamentar, na quarta-feira.



O deputado grego Alexandros Panagoulis (ao centro), no final do seu julgamento em 1968, por tentar matar o ditador George Papadopoulos



Em cada 100 crianças da Guiné, 35 não vivem 12 meses, 50 não chegam aos 10 anos. Para os sobreviventes, o futuro começa a ter outras razões para ser vivido, como é o caso deste miúdo de Farim

que a recuperação fosse possível, como está a sê-lo. Em princípios de Abril contava-se repor os salários até final de Maio, dentro da normalidade.

Este atraso juntou-se a outros indícios de dificuldades económicas que podem obrigar à radicalização. Redução de salários e maior nivelamento no poder de compra são possíveis, sem contudo se abandonar a sociedade vertical que consta do projecto social do PAIGC. Despedimentos no aparelho burocrático e encaminhamento dessa gente pa-

N'Krumah. Até pode haver um ou outro choque. Nós só conseguiremos realizar os nossos objectivos se vamos com calma, pé no chão, passo a passo, para, como dizia Cabral, não tentamos saltar a parede antes de chegarmos perto dela. É que se queremos saltar antes de chegar perto, caímos, não saltamos, e batemos com a cabeça na parede.

Estas palavras explicam, em certa medida, o modo como se vai desenvolvendo a sociedade guineense recuperada para a História e a lentidão em muitos

quer grupo contra-revolucionário, eventualmente apoiado na base social urbana, não teria a mínima hipótese de sucesso. Pelo menos, a manter-se o apoio securíssimo que o PAIGC tem no campo, uma tal tentativa encontraria resistências fortíssimas, políticas e armadas, quer por parte das unidades das FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo) estacionadas no interior do país e intensamente politizadas, quer pelas FAL (Forças Armadas Locais), que conti-

Celebrada a "vitória em Angola" no Primeiro de Maio de Cuba

Em Paris, dezenas de milhares de sindicalistas franceses marcharam pelo centro da cidade chamando por uma revolução socialista. O general Charles de Gaulle, primeiro do país, não participou na manifestação. O general de Gaulle, primeiro do país, não participou na manifestação.

Caleidoscópico

BILBAU, 3 (F.P.) Foi morto um guarda civil na província de Guipúzcoa hoje de manhã pela explosão de um petardo ligado a uma bandeira separatista basca.

■ PEQUIM, 3 (F.P.) Três «contra-revolucionários» acusados de participar nos conflitos de 5 de Abril, na Praça Tian An Men, foram julgados pelas «massas», na Universidade de Pequim, e condenados a uma prisão perpétua.

■ HELSINKI, 3 (R.) Os quatro mil estivadores da Finlândia começaram hoje a greve, iniciada há uma semana e meio, para exigir um aumento salarial de 9 por cento.

■ BONN, 3 (ANOP) Os tipógrafos resolveram regressar ao trabalho em diversas partes da Alemanha, mas a greve continua em algumas zonas.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

A retirada síria pedida no Líbano

BEIRUTE, 3 (R.) — Partidários da esquerda afirmam que a retirada síria estava a exercer pressão para influenciar o resultado da consulta às urnas.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

Reagan venceu Ford na primária do Texas

WASHINGTON, 3 (R.) Com a disputa para a nomeação presidencial republicana na noite de sábado, Ronald Reagan venceu Gerald R. Ford na primária do Texas.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

■ ROMA, 3 (ANOP, FP e R.) A campanha eleitoral sangrenta recuada em Itália.

Espectáculos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Pensar a música hoje

Num concerto organizado em colaboração com o Instituto Alemão (IFA), a Fundação Gulbenkian trouxe-nos obras de Messiaen e Xenakis, compositores que assumem um indiscutível papel histórico na evolução da música.

Messiaen, responsável desde o pós-guerra por uma famosa aula de análise musical onde estudariam alguns dos maiores nomes de sucessivas gerações de artistas-criadores, foi talvez o primeiro a compreender todo o alcance da lição de Webern, dela deduzindo, por assim dizer, as bases do novo pensamento serial. É através do **Modo de Valores e de Intensidades** um dos **Quatro Estudos de Ritmo**, para piano, de Messiaen — que Stockhausen, em 1951, descobre e adere entusiasticamente ao serialismo. Neste aspecto, como transmissor e sistematizador da herança weberniana, o magistério de Messiaen tem maior importância e projecção históricas do que a sua própria teoria da linguagem musical e até do que a sua própria experiência criadora, feita da aplicação prática do sistema congeccionado, dos cantos de pássaros e duma atitude mística ou profundamente religiosa perante a arte e a vida. Stockhausen e Boulez são discípulos de Messiaen não pela influência estética que receberam da sua música mas pela elaboração do conceito de **estruturas musicais** que, no fundo, lhe ficaram a dever.

A TÉCNICA SERIAL

A linha de evolução é a seguinte. A técnica serial surge com Schoenberg, nos anos vinte, como resposta ao sistema tonal. No seu enunciado schoenberguiano, a técnica apenas tem incidência sobre as alturas dos sons e as suas consequências melódicas, harmónicas e polifónicas. Aos **modos** tradicionais e sobretudo às **48 tonalidades** possíveis da música clássica e romântica que já Bach cristalizara no **Cravo bem temperado**, substitui-se a série: em vez da escala de ré maior ou de lá menor (por exemplo) o compositor é convidado a usar como **módulo** uma série de doze sons (os doze sons da escala cromática), ordenados segundo a sua invenção. Cada trecho, cada obra, passam a ser construídos a partir de módulos deste tipo. Inicialmente, a exigência de que a série comporte os doze sons (**dodecafonismo serial**) é

determinada pela preocupação de subverter o sistema tonal, isto é, de afastar inteiramente a impressão de tonalidade que poderia ser dada pelo facto de algumas notas aparecerem privilegiadas em relação às outras. Já então o importante na **série** não é tanto a sucessão dos sons (dó, ré, fá sustenido, lá, etc.) mas os **intervalos** entre eles, o «desenho» sonoro que tal sucessão determina.

Uma vez posto em prática o novo sistema por Schoenberg, Alben Berg e Webern, o fantasma da tonalidade desaparece e com ele a obrigatoriedade do dodecafonismo. Sobrevive a **série**, que pode ter qualquer número de sons e é caracterizada pela sucessão dos **intervalos**. Mas, com Webern, a técnica serial — até então restrita às **alturas** dos sons — começa a tornar-se extensiva aos outros parâmetros da composição musical: as **durações**, as **intensidades**, o **timbre**. A partir daqui, e por intermédio do magistério de Messiaen, elabora-se o pensamento estruturalista de um Boulez, cujas obras assentam num sólido sistema de módulos seriais que regem todos os parâmetros.

A CRÍTICA DE XENAKIS

E chegamos ao ponto em que intervém Xenakis, com a sua crítica ao determinismo serial e às práticas aleatórias a que este, dialecticamente, entretanto dera lugar. Xenakis verifica que, quanto mais as obras musicais são concebidas até ao extremo rigor segundo uma estrutura serial, tanto menos explícita se torna a sua substância: o auditor perde-se num enredado de linhas extremamente complexo e, em vez duma ideia polifónica linear, recebe uma ideia de superfície, massa. Quer dizer: o determinismo serial, levado ao extremo, acabara por conduzir contraditoriamente a uma impressão de caos (e por isso abriu também caminho à música aleatória). Haveria que introduzir um novo princípio: o cálculo de probabilidades. Devido à sua formação matemática, Xenakis passou a defender, inclusivamente, a composição assistida por computadores. Tratava-se, muito simplesmente, de fornecer ao compositor os meios adequados para organizar os sons segundo as grandes linhas de uma construção coerente, controlando as massas sonoras por forma a fazer corresponder fielmente o que se ouvia à estrutura interna da obra (pondo fim à contradição entre a organização microscópica e o aspecto exterior, macroscópico, da música). A crítica de Xenakis era igualmente válida para as práticas **aleatórias**, assentes numa falsa noção de acaso, e que, no seu entender, representavam uma demissão do compositor. No concerto agora realizado entre nós, em que foram in-

térpretes alguns dos maiores especialistas alemães da música contemporânea (Saschko Gawriloff, violino; Hans Deinzer, clarinete; Siegfried Palm, Violoncelo; Aloys Kontarsky, piano), ouvimos de Xenakis três pequenas peças instrumentais. Em todas elas — **Evryali**, para piano, **Mikka**, para violino, **Charisma**, para clarinete e violoncelo — é clara a nova perspectiva de Xenakis. O que conta nesta música, como base estrutural, já não são nem as **séries**, nem os **intervalos**, nem mesmo os sons singularmente considerados, com determinadas alturas, durações, intensidades e timbres. Aqui, o violino, ou o piano, ou o clarinete, ou o violoncelo, são fontes sonoras que actuam segundo um programa previamente definido, pensado em função apenas das suas características técnicas, das suas potencialidades específicas. A velha atitude do compositor, antes de mais, vê uma pauta onde tem de escrever notas para tal ou tal instrumento — atitude que ainda era a de um Schoenberg, a de um Webern, que ainda é a de um Messiaen, a de um Boulez — cede lugar, nestas obras de Xenakis, a uma atitude diferente: «que vou eu fazer com este instrumento?» E o programa sonoro delineado pode não carecer de pauta nem de notas musicais; pode assentar em agregados de sons, em linhas que deslizam e ondulam, em algo que se **desenha** no espaço como os planos de um arquitecto. Mas estão presentes aí o sentido da forma, das proporções, e uma intenção expressiva. A pesquisa de Xenakis visa sempre um objectivo estético.

Lutas de libertação - programa de hoje na Mostra do Estoril



Esta criança chama-se «Che» e nasceu na Guiné-Bissau: uma geração que vai beneficiar do esforço daqueles que fizeram a guerra de libertação, de que o filme «Nô Pincha!» nos dá um emocionante relato.

ENGENHEIROS TÉCNICOS

Convocam-se todos os colegas interessados na inscrição no 1.º semestre da licenciatura no IST, para uma reunião a efectuar 3.ª feira, dia 4, às 19 horas, no salão nobre do IST.

UM GRUPO DE COLEGAS

TEATRO DA COMUNA

à Praça de Espanha (Metro Palhavã)
Telefone 76 26 24

4 SOLDADOS

E UM ACOREÃO

de Richard Demarcy e Teresa Motta

Todos os dias às 21 horas
Domingo, às 18 horas

SÓ ATÉ DOMINGO

Eleições no Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos



O QUARTETO DE MESSIAEN

De Messiaen, na segunda parte do concerto, o **Quarteto para o fim do tempo**, uma obra de 1940, composta e interpretada pela primeira vez num campo de concentração nazi, durante o cativo do compositor, marcada pela sua religiosidade sincera, plena de espiritualidade e de emoção. Realizada muito de acordo com as próprias teorias do autor, expostas no seu tratado da linguagem musical, e com amplo recurso aos inevitáveis cantos de pássaros, esta obra pouco deve a uma estética de inspiração schoenberguiana ou weberniana. Nimbada de romantismo, ela continua a impor-se, no entanto, pela originalidade e pela modernidade, mais de trinta anos passados sobre a data da composição e apesar das transformações fulgurantes, entretanto operadas por muitos discípulos do seu autor. A interpretação dos quatro instrumentistas, já acima referidos, foi admirável. E paradigmática.

Não foi possível conseguir uma lista unitária para as novas eleições dos Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculo. Há, pois, duas listas, tendo a lista A como Presidente da Assembleia Geral o actor Rogério Paulo, e a Lista B o actor Igrejas Caeiro.

O programa da lista A apresenta-se «Por um Sindicato Democrático e apatidário; Pela Igualdade de todos os Grupos Profissionais; Pela Unidade na defesa e conquista dos direitos dos trabalhadores de espectáculo». São os seguintes os Fins Gerais dos candidatos da Lista A: «Pretendem os candidatos desta Lista proposta reforçar a unidade e igualdade, não só dentro dos vários grupos profissionais como entre estes, sem dissenções partidárias e artísticas, em torno de objectivos concretos sentidos no geral pelos trabalhadores de espectáculo como sejam:

1.º O reconhecimento do papel preponderante dos Trabalhadores de Espectáculos na Cultura do Povo Português com a consequente atribuição de actuação no sentido do serviço público que efectivamente prestam;

2.º A lógica concessão de possibilidades de estudo e preparação para tal missão incluindo condições de reciclagem e actualização para perfeita integração no processo revolucionário;

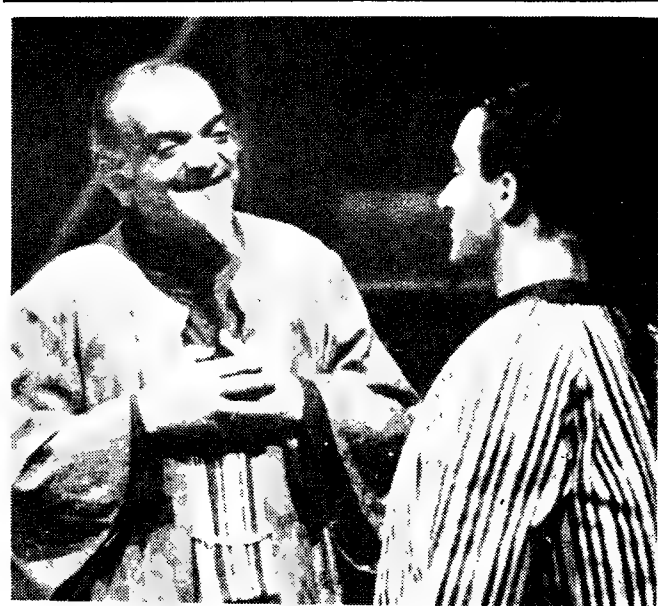
3.º A conquista de condições de trabalho seguras, não precárias e devidamente remuneradas que proporcionem aos Trabalhadores de Espectáculos a necessária liberdade e disponibilidade para cumprimento da sua missão.

4.º O reforço e melhoramento da estrutura e unidade sindical no sentido de um real apoio aos Trabalhadores de Espectáculo e aos Trabalhadores em geral».

Por sua vez, a lista B tem como palavra de ordem: «Para a Democratização do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos. Por um digno e livre trabalho criador». O programa

desta lista tem por principais objectivos: «Democratizar, e colocar-se ao Exclusivo Serviço da Defesa dos Trabalhadores de Espectáculos». Para isso propõe-se a listaB: «Definir e fazer aprovar rapidamente o clausado de Contratos de Trabalho que moralizem e defendam efectivamente os trabalhadores de Espectáculos nas suas relações com TODAS as entidades patronais (privadas, públicas, cooperativas ou sociedades artísticas) ligadas ao espectáculo, incluindo aos produtores de cinema, rádio, televisão e editoras de discos e de outras formas de reprodução sonora ou visual; Exercer rigorosa fiscalização sobre o estrito cumprimento de todos os contratos e exigir severa punição das fraudes de que são vítimas tão frequentes os trabalhadores de Espectáculos; Procurar influenciar efectivamente todos os centros de decisão relacionados com os espectáculos, de modo a que os Delegados do S.T.E. junto do Conselho Consultivo do Teatro, do INATEL, do Instituto Português de Cinema e de todos os organismos existentes ou a criar com vista à produção de espectáculos, não sejam meros agentes ao serviço de oportunistas partidários, mas atentos defensores de todos os trabalhadores protegidos pelo nosso Sindicato, sem procurar averiguar qual a sua filiação ou pressioná-las pelo medo no sentido de aumentar obediente clientela política, em vez de acentuar a livre, sincera e corajosa espontaneidade indispensável à verdadeira criação artística».

Propõe-se ainda a lista B estimular a formação de cooperativas e de **autênticas** sociedades de trabalhadores; lutar pela criação de Fundos de Apoio a todos os ramos de espectáculos, dotando o Bailado, o Circo e as Variedades com subsídios semelhantes aos concedidos ao Teatro e ao Cinema; exigir que os subsídios a conceder sejam exclusivamente para Cooperativas de Espectáculo ou Sociedades de Trabalhadores; etc.



Rui Furtado e Luís Barreto numa cena da peça

“Ah Q” na meta final

Apenas por mais duas semanas, o Teatro da Cornucópia volta a apresentar o seu último espectáculo **Ah Q** tragédia chinesa baseada em Lu Sun, da autoria de Bernard Chartreux e de Jean Jourdeuil.

Encenado por Luís Miguel Cintra, com cenografia de Cris-

tina Reis, música de Paulo Brandão e interpretação de Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Glicínia Quartim, Jorge Nascimento, Jorge Silva Melo, Lia Gama, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Orlando Costa, Raquel Maria e Rui Furtado.



REALIDADE NACIONAL E REALIDADE DO BACALHAU

Canal da Crítica

PORQUE

Os pescadores do Tejo. Os aviões. Acorde-nos à lembrança, claro, Alves Redol, Regressamos a ontem. Regressamos aquela série inglesa agora principiada: os Goodies. Sabem o que é desopilar o figado? Sabem o que é ritar até as lágrimas? Pois é isso. Isso é o que os Goodies. Sabem o que é de selecção e livros escolares, por favor: lembrem-se de que há na nossa literatura um livro chamado «Avieiros».

Não é do livro que lhes quero falar, mas de um documentário passado na véspera do 1.º de Maio na rubrica «Mar Goodies».

A patlhacada. A charlotada. Por fim, tudo a resolver-se num fim de tarde de anedotas: mas esta maneira de contar por imagens que atinge as crianças e os adultos possui uma tal arte, digamos, um tal ofício que a sua exibição se torna importante para além da fragilidade da anedota final.

Gostava de saber como reagiam aliceses. Claro que os burgueses, dirigentes e cumpril-cês, vão rir. As centenas de milhares (mais de um milhão, dizem-me) de desempregados no Reino Unido, e os desempregados em Portugal, não vão reagir da mesma forma que os cidadãos sem problemas de sobrevivência. Não têm, evidentemente, vontade de rir.

E aqui está como o remorso acompanha o riso. Aqui está como o riso, que é próprio do homem, se transforma, parado como o riso, que é próprio do

esconder a servidão? Também aquela queixa, aquela sociedade capitalista, tudo o que é bom e pecado mortal: porque não pertence a todos.

Enquanto a gente se ri, por exemplo não está a pensar na buição da RTP para o conhecimento e glorificação do 1.º de Maio.

E urgente tirar centenas de cópias deste documentário. Tanto que o dr. Mário Baptista Mote-se pelos olhos dentro. Não entanto a falta existe.

ADOCQUE teatro

NO MARTIM MONIZ - TEL. 8742 80

3.º MÊS DE EXITO POPULAR

HOJE, 21.30 M/18

TARAN - TAN - TAN NÃO ENCHE BARRIGA

SMILDA MARTINS
NICHOLSON
MONTAZ

Centro Hospitalar de Coimbra

CONCURSO PÚBLICO N.º 25

Até ao dia 12/5/76, pelas 15 horas, aceitam-se propostas, em carta fechada e lacrada para a compra dos seguintes artigos:

- Caldeira vertical, fio de cobre revestido a chumbo, etc.
- Pneus e câmaras de ar.
- Trapos.
- Sucata diversa.

Este material encontra-se no Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil.

As restantes condições estão patentes nos Serviços de Aproveitamento, Rua do Cabido, 5-3, COIMBRA.

OS SERVIÇOS DE APROVEITAMENTO

Seu irmão e restante família participam que hoje, pelas 19 horas, na Igreja de São Vicente de Paulo, ao B.º da Santa, será celebrada Missa pelo eterno descanso de seu saudoso irmão e parente. Agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem ou de qualquer outra forma lhes testemunharam o seu pesar.

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

P. MAX



bem?

Eu disse urgente, repararam povo.

de, dos problemas do nosso ra o estudo da nossa sociedade, para uma voz cortante, os diversos centros de interesse para expressão dura, os lábios finos O dr. Mário Baptista: aquela pais fora, por essas escolas. Com base nele se criou di- larachas.

rem e mandá-las por esse ou deste poema, como quis- cópias deste documentário. E urgente tirar centenas de Maio.

mento e glorificação do 1.º de buição da RTP para o conhe- cedida como a melhor contri- Aquela conversa sobre a ne- dores continuam na miséria. rescem enquanto os trabalha- diários que enriquecem e flo- protesto contra os interme- também aquela queixa, aque- Dificilmente se esquecerá mem. Aqui está como, numa xalmente, em improprio do ho- como o riso, que é próprio do homem, se transforma, parado como o riso, que é próprio do

O JOGO DO BACALHAU

que não pertence a todos.

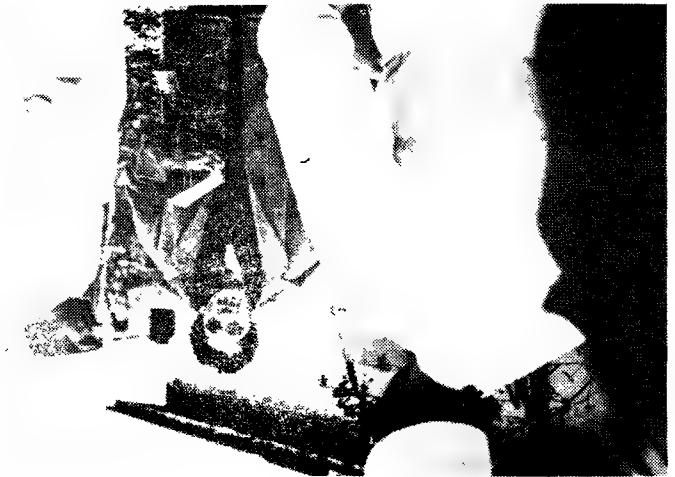
Enquanto a gente se ri, por exemplo não está a pensar na buição da RTP para o conhecimento e glorificação do 1.º de Maio.

E urgente tirar centenas de cópias deste documentário. Tanto que o dr. Mário Baptista Mote-se pelos olhos dentro. Não entanto a falta existe.

aquele ar de quem joga à defesa, sem, como se passassem além nos fitam como se nos varas- para uma voz cortante, os diversos centros de interesse para expressão dura, os lábios finos O dr. Mário Baptista: aquela pais fora, por essas escolas. Com base nele se criou di- larachas.

rem e mandá-las por esse ou deste poema, como quis- cópias deste documentário. E urgente tirar centenas de Maio.

mento e glorificação do 1.º de buição da RTP para o conhe- cedida como a melhor contri- Aquela conversa sobre a ne- dores continuam na miséria. rescem enquanto os trabalha- diários que enriquecem e flo- protesto contra os interme- também aquela queixa, aque- Dificilmente se esquecerá mem. Aqui está como, numa xalmente, em improprio do ho- como o riso, que é próprio do homem, se transforma, parado como o riso, que é próprio do



Uma cena do filme «O Último a Rir»

- I PROGRAMA**
- 19.00 Abertura e «Os homens, os livros e as coisas» Um programa pelo dr. Joaquim Manuel Magalhães, apresentado pelo Departamento de Programas Juvenís e Infantis.
 - 19.25 Teledeporto Rubrica dedicada às actividades desportivas do fim-de-semana.
 - 19.55 Da Saúde e da Vida.
 - 20.10 Vivendo o futuro 7681050.
 - 20.30 Telejornal 2.ª edição.
 - 20.50 Noticiário do País e do estrangeiro.
 - 21.05 Momento político.
 - 21.40 «O Último a Rir» um filme de Alain Tanner Telejornal 3.ª edição.
 - 22.40 Fecho.
- II PROGRAMA**
- 20.00 Abertura e «O Regador Mágico».
 - 20.25 Das Artes e Ofícios.
 - 20.50 Jovens rebeldes.
 - 21.35 Concerto Música de Suk-Joseph Seik.
 - 22.10 Telejornal
 - 22.40 Fecho.



Amanhã

- I PROGRAMA**
- 1.º Período — 13.15: Abertura e Telejornal — 1.ª edição: 13.30. Dois anos de férias (último episódio); 13.55: Logó à noite; Círculo preparatório TV — 14.10. Língua Portuguesa — 2.º ano; 14.35: Matemática — 1.º ano; 15.00: Francês — 2.º ano; 15.25: Ciências da Natureza — 1.º ano; 15.50: Educação Visual — 2.º ano; 17.10: Matemática — 2.º ano; 17.35: Língua Portuguesa — 1.º ano; 18.00: Trabalhos manuais — 2.º ano; 18.25: Francês — 1.º ano; 2.º Período — 19.00: Viking: Há só uma Terra; 20.00: Lecer e lutar — 2.º ano; 20.30: Telejornal — 2.ª edição: 21.00: Sweeney — Série policial; 22.00: O Mundo que nós somos; 23.00: Telejornal — 3.ª edição: 23.15: Fecho.
- II PROGRAMA**
- 20.00: Abertura e «Dois anos de férias»; 20.30: Ensaiar; 21.15: TV Jazz — Pony Poindexter; 22.20: Telejornal; 22.50: Fecho.

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

RELOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telex. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto



A nova bancada das Antas



O solitário golo benfiquista (por Nené)

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Varzim e Marítimo: entre o zero e o 20

Resultados dos jogos disputados este fim-de-semana a contar para a 29.ª jornada do Campeonato Nacional da Segunda Divisão, na Zona Norte: Fafe-União de Lamas, 2-0; Al- ba-Paredes, 1-3; Régua-Varzim, 1-0; Salgueiros-Vilanovaense, 2-1; Paços de Ferreira-Chaves, 0-0; Sanjoanense-Gil Vicente, 0-2; Nariense-Sporting da Covilhã, 2-1; Penafiel-Feirense, 2-1; Riopele-Espinho, 0-1; e Lourosa-Famalicão, 1-0.

O Varzim lidera a classificação (50 pontos) seguido do Salgueiros e do Chaves, respectivamente com 38 e 34 pontos.

Zona Sul: Almada-União de Leiria, 1-0; Sintrense-Montijo, 0-0; Juventude de Évora-Oriental, 0-0; Esperança de Lagos-Torriense, 2-1; União de Santarém-Caldas, 1-0; Peniche-Torres Novas, 3-1; Marítimo-Portimonense, 4-2; Barreirense-Lusitano, 2-0; União de Montemor-Estrela de Portalegre, 2-0; e Sesimbra-Olhaneense, 1-1.

O Portimonense comanda a classificação (40 pontos) seguido do Peniche (38) e do Montijo (37).

Houve notas sensacionais: a excelente vitória do Marítimo (revalidando a sua candidatura a um lugar cimeiro no bloco Sul) e o triunfo (brioso) do Régua sobre o Varzim, em prova de esforço para a fuga à queda de divisão.

Totobola

Boletim com 13

Fafe - União Lamas	1
Alba - Paredes	2
Régua - Varzim	1
Salgueiros - Vilanovaense	1
Paços Ferreira - Chaves	X
Sanjoanense - G. Vicente	2
Marinhense - Covilhã	1
Sintrense - Montijo	X
Juventude - Oriental	X
U. Santarém - Caldas	1
U. Montemor - E. Portalegre	1
Marítimo - Portimonense	1
Sesimbra - Olhanense	X

"Vuelta": Martins em 15.º

O holandês Theo Smit, venceu a 5.ª etapa da «Vuelta» à Espanha, disputada entre Baza e Cartagena, com 201 quilómetros de percurso, cobrindo a distância em 5 horas, 53 minutos e 31 segundos, à média de 34,114 km por hora. Depois desta etapa o alemão Gunther Harritz, mantém o 1.º lugar da classificação geral.

Foi uma tirada calma, já que os ciclistas se limitaram a recuperar da etapa da véspera.

Contudo, nos últimos 20 quilómetros houve uma certa animação, na qual se fizeram notar os portugueses em prova.

O primeiro foi José Martins, que se impôs na meta volante de Cullar de Baza, conseguindo, assim, três segundos de bonificação.

Coube depois a vez de Fernando Mendes, que iniciou uma fuga acompanhada por dois belgas e dois espanhóis, (Manzanera e Lopes Carril). No entanto, a fuga não surtiu efeito, dado que os seus companheiros se limitaram a colar-se à sua roda. Por seu turno, Joaquim Agostinho teve um dia fraco, cedendo a sua posição no Prémio da Montanha, já que desceu do 2.º para o 3.º posto.

A classificação da etapa foi a seguinte:

1.º Theo Smit 5.53,31 (10 segundos de bonificação); 2.º Elorriaga, 5.53,31 (4 segundos de bonificação); 3.º Johnny Van Derveken, 5.53,31; 4.º Enrique Martinez Heredia; 5.º Gerben

Karstens; 6.º Dieter Thoreau; 7.º José de Cauwer; 8.º Cees Priem; 9.º Roger Rossier; 10.º Gunther Harritz; 19.º Joaquim Agostinho; 36.º Fernando Mendes; 37.º José Martins, todos com o mesmo tempo do terceiro classificado.

Classificação geral: 1.º Harritz, 26.03,06; 2.º Elorriaga, 26.05,06; 3.º De Cauwer, 26.05,13; 4.º Hennie Kuiper, 26.05,14; 5.º Thureau, 26.05,15; 6.º Ko Hoogendoorn, 26.05,19; 7.º Domingo Perurena, 26.05,20; 8.º Piem, 26.05,21; 9.º Gerrie Knetemann, 26.05,22; 10.º Jesus Manzanera, 26.05,25; 15.º José Martins, 26.05,28; 27.º Joaquim

Agostinho, 26.05,33; 43.º, Fernando Mendes, 26.06,24.

Hoje disputa-se a 6.ª etapa, um contra-relógio individual de 14 quilómetros, na cidade de Cartagena.

Entretanto, recordamos que, no sábado na etapa entre Jaen e Baza, (166 quilómetros) que a inclemência do tempo transformou numa jornada duríssima, Joaquim Agostinho esteve em grande evidência.

Com efeito, Agostinho escapou-se ao pelotão a 25 quilómetros da partida e manteve-se isolado durante 38 quilómetros, mau grado o péssimo estado do tempo, que transformou a tirada numa das etapas

mais duras dos últimos dias da «Vuelta».

O ciclista português cruzou isolado, em primeiro lugar, três das quatro contagens para o Prémio da Montanha da etapa (Cambil Fuentesanta e Gallardos) aproximando-se na classificação do seu colega de equipa José Luís Abillera, que obteve nas duas primeiras montanhas citadas o segundo lugar, enquanto em Gallardos obteve a terceira posição.

O português abandonou o pelotão com o propósito de assegurar a classificação da montanha, regressando ao grupo depois de conseguido este objectivo, após ter desfrutado de cerca de três minutos de vantagem.

Esteve depois presente na dura luta travada sem quebras e foi um dos homens que cruzaram a meta no pelotão dos privilegiados, depois do alemão Haritz, novo camisola amarela. Haritz acabou por fugir aos 20 quilómetros do fim, ganhando a etapa com vantagem de 1 minuto e 21 segundos sobre o segundo classificado.

No grupo que seguiu o vencedor da etapa entrou também José Martins, enquanto o outro português, Fernando Mendes, foi o primeiro do segundo grande pelotão. Mendes não se encontra bem, devido a uma forte gripe e acusou a chuva e o frio, que diminuíram ainda mais a sua capacidade.



Primeiros pontapés na «Onda Verde»: milhar e meio de jovens no grande convívio do chuto na bola, organizado pelo Sporting

PORTUGAL

ORIENTAL

Assembleia geral dos associados do Oriental, na noite de 7 do corrente, para se abordar problemas que envolvem a colectividade.

TÉNIS DE MESA

Estão escolhidos os locais em que vai decorrer o campeonato nacional de ténis de mesa; Caldas da Rainha Porto, Lisboa, Santarém, Faro e Viseu (seniores); Porto, Faro e Viseu (juniores); Lisboa (senhoras, infantis e meninas); Porto (infantis e meninas) Marcados, também, para 22 e 23 do corrente, os jogos do «Torneio Aberto de Alenquer».

VOLEIBOL

As voleibolistas portuguesas vão fazer uma selecção para actuar com grupos estrangeiros. Sob as ordens de Artur Monteiro, encontram-se já a treinar as seguintes praticantes: Luísa Maria Mendes Costa; Margarida Pereira da Cruz; Maria Carlos Matos Palma; Maria da Conceição Posser Andrade; Maria da Conceição Roriz; Maria Paula dos Santos Antunes (Benfica); Ana Maria Bellino Varela; Maria Libânia Ferreira dos Santos; Maria de Lurdes Fialho Lopes; Maria da Luz Passarinho Preto (Atlético); Maria Luísa Oliveira Faria; Maria Virgínia Munhá; Susana Fonseca Protásio (C.D.M.L.); Luísa Maria de Oliveira Marques; Maria João de Castro (Licou de Oeiras); Ana Bela Brás de Paiva (Rainha D. Amélia); Maria Emilia Carvalho (A.C.M.); Anabela Conceição Caiado (Almada); Maria Isabel Calheiros (Filipa); Maria Adelaide Tomé Costa (Josefa de Óbidos); Maria Madalena Ca-

nha (Cruz Quebradense e Ana Maria Rodrigues (D. Amélia).

ATLETISMO

Curso Nacional de Juizes de Atletismo, no Instituto Superior Técnico, de hoje a 7 e a 10 e 11 do corrente, sempre pelas 21 horas.

CRISE

Situação difícil na Associação de Voleibol de Lisboa, face às demissões apresentadas por Rui Jorge Evangel, António Rosa Rodrigues Carvalho Moreira e Mário Fernando de Oliveira Cabral (assembleia geral), dr. Fernando Gomes de Andrade, Fernando Coelho Ferreira, José Alberto Alves Barroso Dias, eng.º Rogério Roque Almeida e eng.º Francisco Rodrigo Leal Salvação (direcção). A 13 do corrente, uma assembleia geral tentará solucionar o impasse.

BARREIRO

No Barreiro, prosseguem os festejos comemorativos do 1.º de Maio. Esta noite, no pavilhão dos trabalhadores: colóquio sobre «Pontos Quentes da U.R.S.S.» e, na freguesia de Palhais, teatro «Pela revolução». Amanhã, no pavilhão dos trabalhadores; ginástica, pelas classes da CUF, do Ginásio do Sul e por uma representação soviética; prova internacional de halterofilia e exibição da Banda do Barreiro.

MORTE

Álvaro Retamosa Dias (82 anos), sócio n.º 10 do Sporting e seu antigo presidente da direcção, faleceu. O funeral tem hoje lugar, da Igreja da Pena para o Cemitério do Alto de S. João.

LUTA

Para o nacional de seniores, em luta greco-romana, o Sporting venceu o Benfica (6-2).

COMEMORAÇÃO

Integrado nas comemorações do Dia do Trabalhador, realizou-se no Barreiro, um encontro de Basquetebol entre a equipa da CUF e uma formação representativa do Sindicato da Construção Civil da província de Moscovo, da União Soviética. Os visitantes venceram por 103-77.

VOLEIBOL

Prosseguiu o campeonato nacional de voleibol, a proporcionar os desfechos seguintes: EC Espinho-FC Porto, 1-3; Benfica-CDUP, 3-0; Leixões-Académica, 3-0; Castelo da Maia-Esmoriz, 3-2; Desportivo da Póvoa-Técnico, 1-3; Espi-

nho-Técnico, 3-2; Castelo da Maia-Académica, 1-3; Benfica-FC Porto, 3-0; Nacional-CDUP, 3-1 e Esmoriz-Leixões, 0-3. Entretanto, parabéns para as meninas do Leixões: ultrapassaram a comparação com o Benfica, tornando-se campeãs nacionais.

ATLETISMO

Cecília Ganiho (individual) atirou o disco a 37,38 m, fazendo a 2.ª marca portuguesa de sempre (a melhor pertence a Adília Silvério) e estabeleceu novo máximo português para a categoria de juvenis.

CICLISMO

José Almeida (Lousa) venceu o circuito ciclista ao Linho.

Continua na pág. 17

BÓLIDOS EM ESPANHA

James Hunt (McLaren): o melhor perdeu

O piloto britânico James Hunt que ontem crto a meta do Grande Prémio de Espanha em primeiro lugar desclassificando um McLaren, foi desclassificado em virtude dos estabelizadores do seu carro não se encontrarem de acordo com os regulamentos da Comissão Desportiva Internacional.

A vitória foi portanto atribuída ao segundo classificado o austríaco Niki Lauda que tripulava um Ferrari.

O francês Jacques Lafitte (Ligier JS) foi também desclassificado por idênticas irregularidades.

Após a desclassificação dos dois pilotos a classificação do Grande Prémio de Espanha ficou ordenada do seguinte modo: 1.º Lauda (Ferrari), 1.42,51; 2.º Nils-

son (Lotus JPS), 1.43,08,45; 3.º Reuteman (Brabham) a uma volta; 4.º Amon (Ensign) a uma volta; 5.º Carlos Pace (Brabham) a uma volta; 6.º Ickx (Williams) a uma volta; 7.º Tom Pryce (Shadow) a uma volta; 8.º Alan Jones (Surtees) a uma volta; 9.º Leclère (Williams) a duas voltas; 10.º Regazzoni (Ferrari) a três voltas.

Após esta vitória Niki Lauda comanda o Mundial com 30 pontos, seguido de James Hunt (15), Depailler (10), Regazzoni (9), Jochen Mass (7) e Schekter (5).

A classificação para a Taça do Mundo de Construtores é neste momento a seguinte: 1.º Ferrari; 33 pontos; 2.º McLaren, 19; 3.º Tyrrel, 13; 4.º Brabham, 4; 5.º JPS-77, 4; 6.º Shadow, 4.

Geral

Relações Portugal-Angola tratadas entre presidentes do M.P.L.A. e do P.S.

O Partido Socialista acaba de dar um importante passo no sentido da aproximação com as antigas colónias portuguesas de África ao enviar a Angola, para conversações com o Presidente Agostinho Neto, o dr. António Macedo, Presidente do Partido e que em tempos defendeu, como advogado, o «leader» do MPLA. Esta iniciativa reveste-se de um claro significado para o futuro pois precede a formação do Governo e vem na sequência de novas complicações nas relações entre Angola e Portugal.

É um grande prazer receber na Angola independente o camarada dr. António Macedo, que representa aquilo que o povo português quereria demonstrar ao povo angolano quer dizer, a sua solidariedade, a sua amizade, a sua fraternidade afirmou o Presidente da RPA no encontro que teve com António Macedo.

O Presidente do Partido Socialista era portador de uma mensagem de Mário Soares em que se reafirma a determinação de agir para a manutenção de boas relações com Angola.

«É uma boa notícia. Nós esperamos que esta intenção se concretize, que esta intenção se materialize num futuro próximo, para que estejamos realmente no mesmo plano, a agir de igual modo, para que o povo angolano possa sentir que da parte portuguesa há uma intenção de amizade, uma intenção de fraternidade e de solidariedade».

Queremos, de facto — prosseguiu o dr. Agostinho Neto — «estabelecer relações em todos domínios. Não é nosso desejo evitar as relações com Portugal, embora, como também disse ainda hoje, e devo repetir, Angola possa viver sem Portugal».

«Desejamos, no entanto, que as relações que, embora injustas, se estabeleceram durante o colonialismo e que produziram certos laços, materiais e afectivos, entre o povo angolano e o povo português, possam desenvolver-se, possam manter-se para o bem de nós todos, e para o bem da humanidade».

Agostinho Neto fez, na altura, uma clara separação entre Portugal, o povo português, e certos políticos que têm contribuído para que as relações entre os dois países se encontrem actualmente em muito perigo.

Na mesma linha desta actuação do Partido Socialista em relação a Angola, pode situar-se o telegrama recebido do Secretário-Geral do PAIGC, Aristides Pereira, cujos termos calorosos, ao felicitar Mário Soares pela vitória nas eleições, podem significar um clima de maior abertura para o futuro das relações entre Portugal e Guiné-Bissau e Cabo Verde. Antes da formação do governo definitivo, o PS está a procurar e a encontrar uma maior receptividade por parte dos novos países africanos de expressão portuguesa.

JORGE CAMPINOS «SENSIBILIZADO COM O PAIGC»

«O PS está muito interessado em manter boas relações com Angola e com todas as ex-colónias em particular» declarou à entrada para o Conselho de Ministros, o prof. Jorge Campinos.

Jorge Campinos, talando em nome do seu partido, manifestou-se também «profundamen-

te sensibilizado» com a atitude do PAIGC, ao dirigir ao PS um telegrama de felicitações pela vitória eleitoral alcançada pelo Partido Socialista.

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA 3ATISTA

BARES • BOITES

RESTAURANTE

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Strip-tease.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

Somos grandes produtores de urânio

Portugal, cujas reservas de urânio são consideradas apreciáveis, produzirá, dentro de nove anos, 330 toneladas anuais daquele minério.

Este número, que colocará Portugal na 13.ª posição na lista dos grandes produtores mundiais, foi indicado nas previsões da agenda da O.C.D.E. (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico) para a Energia Nuclear e da Agência Internacional de Energia Atómica.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	310\$	275\$	280\$
Cons. 3 %	350\$	300\$	310\$
Cons. 3 1/2 %	—	810\$	—
Centenários	—	840\$	—
Tes. 5 %	535\$	530\$	535\$
Tes. 10 %	—	450\$	—
Extern. 1.ª - S.	—	450\$	—
Extern. 1.ª - C.	—	475\$	—
Extern. 3.ª - S.	—	475\$	—
Extern. 3.ª - C.	—	—	140\$
Caut. 3.ª - S.	—	—	—
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	755\$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	830\$	—
C.P. 5 1/2 % - 67	—	700\$	700\$
C.P. 5 1/2 % - 68	—	700\$	—
C.P. 5 1/2 % - 69	—	810\$	—
Corr. 5 3/4 %	810\$	800\$	810\$
Metr. 5 3/4 %	—	850\$	—
Tur. 5 3/4 %	—	810\$	—
C.P. 6 3/4 %	—	—	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % - 58	—	690\$	—
G. 5 % - 59	—	670\$	—
G. 5 % - 62	—	—	—
G. 5 % - 63	—	—	—
G. 5 % - 64	—	—	—
G. 5 % - 65	—	—	—
G. 6 % - 67	—	—	—
G. 6 % - 69	—	—	900\$
G. 7 %	—	—	—
H.E.A.A. 5 %	—	640\$	—
H.E.C. 5 %	—	700\$	—
H.E.C. 6 %	—	7550\$	—
H.E.D. 5 %	—	620\$	—
H.E.D. 6 %	—	755\$	—
H.E.N.P. 5 %	—	730\$	—
H.E.S.E. 5 %	—	—	760\$
H.E.S.E. 6 %	—	—	—
H.E.Z. 5 % - 57	—	630\$	—
H.E.Z. 6 %	—	740\$	—
N. Elec. 5 %	—	710\$	—
N. Elec. 6 %	—	—	700\$
Termoel. 5 %	—	600\$	—
U.E.P. 5 % - 60	—	—	700\$
U.E.P. 5 % - 63	—	—	—
U.E.P. 6 %	—	740\$	—
U.E.P. 7 %	—	—	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % - 56	—	720\$	—
A.P.T. 5 % - 58	—	700\$	—
Lisnave 6 %	—	750\$	790\$
Nitratos - 60	—	600\$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	820\$	600\$	—
Sacor 7 %	—	810\$	820\$
Sacor 5 % - 54	—	—	850\$
Sacor 5 % - 60	—	—	750\$
Sid. 5 % - 2.ª	—	—	720\$
Sid. 5 % - 3.ª	—	—	720\$
Sid. 5 % - 4.ª	—	—	—
Socel 5 %	—	—	830\$
R. Fabril - 67	800\$	800\$	—
R. Fabril - 68	—	—	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % - 57	—	—	—
Rev. 5 % - 59-60	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima..... 20,5°

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 2°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

COIMBRA 13°
PORTALEGRE 16°
LISBOA 14°
LISBOA 14°
FARO 18°
FUNCHAL 16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.22 3,6 m 11.52 1,2 m

18.35 3,7 m

Dia 4

7.00 3,5 m 0.21 1,2 m

19.15 3,6 m 12.35 1,3 m

Dia 5

7.47 3,4 m 1.09 1,3 m

20.05 3,6 m 13.26 1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco soprando moderado de Nordeste no Litoral Oeste durante a tarde; neblina ou nevoeiro matinal.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.36

OCASO ÀS 20.32

DIA 29 DIA 7 DIA 13 DIA 20

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11 358

HORIZONTAIS:

- 1 Estranhos.
- 2 Separar.
- 3 Terceiro estômago das aves. Sadio.
- 4 Passadas. Nosso Senhor.
- 5 Engastar. Numeral cardinal.
- 6 Aversão. Amargos.
- 7 Gosta muito de. Membro de ave.
- 8 Amourar. Artigo definido (ant).
- 9 Desquilibrada mental.
- 10 Gratas.
- 11 Tombara. Sem fermento (o pão).

VERTICAIS:

- 1 Preposição. Morada. Antes de Cristo.
- 2 Reis. Parte em migalhas.
- 3 Manobra militar. Zomba.
- 4 Graça. Jorrar.
- 5 Beira-mar. Terra lavrada.
- 6 Pronome pessoal. Claridade de solar. Medida de superfície.
- 7 Inspira (fig). Ilha do território do Amapá (Brasil).
- 8 Erbio (s.q). Ecoas. Profere.
- 9 Saudáveis. Cólera. Acrescente.
- 10 Imaculado. Tempo do verbo ser. Antes do meio dia.
- 11 Sufixo que designa abundância (pl). Plano.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 11 359

HORIZONTAIS:

- 1 Lágrima. Nome actual da capital de Moçambique.
- 2 Antepassados. Dais urros.
- 3 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Mulo. Autores.
- 4 Desacertarmos.
- 5 Aqueles que trabalham em loja de barro.
- 6 Língua antigamente falada ao Sul do rio Loire. Nota musical.
- 7 Polvilhariam.
- 8 Moluscos gastrópodes. Senhora.
- 9 Acrescente. Impediu.
- 10 Derrotavam. Reza.
- 11 Guarneça de asas. Corda de esparto. Catedral.

VERTICAIS:

- 1 Moços de fretes (fig). Entre os filipinos, a divindade.
- 2 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Misturas.
- 3 Animal bovino, do sexo masculino e não castrado. Líquido branco, fornecido pelas fêmeas dos mamíferos.
- 4 Artigo definido. Alumínio (s.q). Post scriptum.
- 5 Greda branca. Soluções.
- 6 Nulo. Segundo. Largo de Lisboa.
- 7 Equipar. Agarrei.
- 8 Escora. Passa rapidamente.
- 9 O mesmo que uma (ant. e pop). Osmio (s.q). Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- 10 Irmãs das mães. Apelido.
- 11 Sufixo que designa abundância. Leitões.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7518

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 358

HORIZONTAIS:

- 1 CADA. QUAL. E.
- 2 Cabo. Reuno.
- 3 Cota. Airi.
- 4 Oraram. Asco.
- 5 Ma. Rias. Ao.
- 6 Torras. Ar.
- 7 Bâtega. Crê.
- 8 Dama. Po.
- 9 Erara. Garfo.
- 10 Riscasses.
- 11 AA. Azo.

VERTICAIS:

- 1 COMO. DEUS.
- 2 Açora. Bar.
- 3 Data. Tâmara.
- 4 Abarrotaria.
- 5 O Aire. Asa.
- 6 Amargo.
- 7 Uri. Saa. Gas.
- 8 Area. Pás.
- 9 Luisa. Corsa.
- 10 Coar. FEZ.
- 11 Eolo. Recoso.

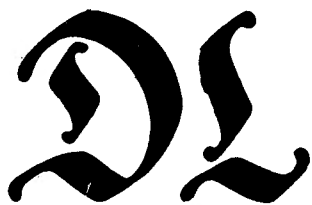
HORIZONTAIS:

- 1 Goma. Afim.
- 2 Ia. Sintra.
- 3 Meã. Leitora.
- 4 Arda. Ir.
- 5 Aia.
- 6 Agradara.
- 7 Uva. Regeras.
- 8 No. Sagan.
- 9 Dia Radio.
- 10 Acordo. Così.
- 11 Remais. Osas.

VERTICAIS:

- 1 Limão. Unter.
- 2 Aer. Avô. Ce.
- 3 Adaga. Dom.
- 4 Os. Air. Mira.
- 5 Mil. Air. Adi.
- 6 Anel. Dês. Os.
- 7 Ti. Vagar.
- 8 Arte. Regaço.
- 9 Parados.
- 10 Ri. Anisa.
- 11 Miaras. Ois.

PROVERBIO: CADA QUAL É COMO DEUS O FEZ



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 85, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBDA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Carta ao Presidente que eu queria

Alegria-me, Presidente, que o senhor seja homem novo e sereno. Alegria-me, Presidente, que o tenham em conta de mais civil que militar — o País e eu com ele já nos despedimos das estrelinhas ao ombro suprapartidárias feitas-luzir por mãos alheias e do panache para nada. Alegria-me que sej ainda militar, contudo, na vida e no cargo. E que este país não sabe. E quem não sabe, uma farda sempre é autoridade. E se não viera o senhor, viera outra tarde, muito menos serena, muito menos política, muito menos habilidosa, muito mais comandante e, por isso mesmo, muito mais comandável.

Mais me alegria, Presidente, ouvi-lo gabar por testarudo sem flutuações de rolha, por marxista de muitos livros e andanças, sem mania das pressas ou de presos. E ouvi-lo desdenhado pelas direitas por questões de feito mas sempre-lhe em causa as competências, por certa esquerda, por questões de feito, mas sempre-lhe em causa as competências. Detém pois, o senhor a única alternativa à autoridade brutal como forma de pôr cobro à angústia, perplexidade ou má-fé das forças políticas deste País — a competência.

Diz-se que a sua conversa está cheia de terceiros mundos, ou que é bem capaz de mundanidades. Verdade seja que a sua mão direita e a esquerda não vão sempre sabendo uma da outra. Só que camaradas e inimigos viram-no muitas vezes estende-las para onde menos se esperava. É pois, Presidente, o senhor um grande português médio — esperto de negociar, astuto e confiado, avançado às arrecuas e sobressaltos inesperados, ganhador vagaroso e sem rancores, não menos bem perdedor.

Repito que é novo, Presidente. Já pagámos vícios seródios e ainda não acabou a contrafeita. É tempo de dar ao poder figura de flor da idade, a da labuta por filhos crianças, a de enviar divisas do estrangeiro, a robusta. Que jeito nos dá ter assim uma cara de cachorro bom e fiel, olho afiado de professor doutor em cima de corpo cheio, fardado sem perfilamentos nazis, sabedor sem vir de Coimbra ensinar, teimoso, mas perguntador aos livros e ao mapa e aos do lado.

Presidente, digo-lhe da rua, para que se lembre de quem lhe abriu os trilhos para o caminho novo e a todos nós — vamos gostar tanto de si como do Otelo e do Maia, como do Mário e do Álvaro quando eles chegaram. Presidente, você tem que ser o Otelo e o que eles pagaram e todos os democratas velhos liberais e todos os garotos esperançosos e impacientes e uma pinha fria e um coração de cavador, num só homem. E um tropa um pouco tristonho do pouco que se pode. Batido de África e de mundos, sabido. Um europeu, velho e novíssimo para o cargo.

Presidente, o senhor parece isso. Só você pode ser isso e o garante do caminho próprio para outra coisa unida.

Agente-se, Presidente. Foi você, major, quem propôs a este País a via do bom senso aventureiro, coisa que lhe é muito própria e gostosa. Imponha-a agora, general doutor.

Toda a esquerda honesta deste País sabe que o senhor provou que pode. Toda a Europa em mudanças o respeita como português confiável e desconcertante. Todos os povos desta língua tornados independentes sabem que o senhor os quer tais.

Camarada Presidente, continue a Revolução que, perigosamente, sensatamente, fez inflectir. Senhor Presidente, garanta as liberdades fundamentais. General graduado, reúna o exército na honra difícil de servir sem desatino nem traição. Sonhe devagar, homem letrado. Doutor, confirme este povo na experiência da sua imensa inteligência do Mundo. Major Ernesto cumpra o que deve.

30 de Abril de 1976

MARIA VELHO DA COSTA

CONSELHO DE MINISTROS

Reorganização económica foi o tema

O estudo de uma série de medidas destinadas ao reordenamento da vida económica nacional ocupou o Conselho de Ministros realizado na tarde da passada sexta-feira.

Nesse sentido foi decidido reapreciar e reformular o projecto de decreto-lei do Ministério do Trabalho respeitante à duração de trabalho, resolvendo-se remetê-lo para decisão à Assembleia da República.

Foi também aprovado um projecto de decreto-lei do Ministério das Finanças que autoriza a emissão de dois empréstimos públicos, cujo produto será destinado ao financia-

mento de investimentos previstos no Orçamento Geral do Estado para 1976. Um dos empréstimos será garantido em ouro aos seus subscritores, sem prejuízo de o reembolso nunca se efectuar por valor inferior ao investimento inicial.

Sobre a situação de organismos autónomos económico-financeiros foi decidido pedir ao IAPME, ao IRA e ao Fundo de Abastecimento a realização de um balanço relativo ao ano de 1975, bem como um plano de Tesouraria à Junta Nacional de Vinhos, garantindo a esta instituição desde já uma operação bancária no valor de 75 000 contos, de modo a suportar a

intervenção prevista deste organismo na colheita vinícola de 1975.

Atendendo à actual situação da TAP, atingida pela descolónia e pela recessão do turismo, o Conselho de Ministros deliberou que sejam transferidos para contas do Estado português um milhão e novecentos e cinquenta mil contos de depósitos à ordem e a prazo que aquela empresa possui em Angola e em Moçambique, bem como fazer extinguir as linhas de crédito existentes entre o Estado e a empresa até igual montante. Ainda em relação à situação da TAP o Conselho de Ministros decidiu atri-

buir a esta empresa um subsídio até 200 000 contos mensais, a título de «Plano de Reconversão da TAP».

No âmbito da reorganização económica foi ainda resolvido que o Estado requiera a falência do Grupo Sousa Machado (Congenco e Solfino).

Foi também decidida a intervenção do Estado na Sociedade dos Vinhos Borges e Irmão.

Para a próxima sessão do Conselho foi adiado o ponto referente aos critérios de atribuição de subsídios a cidadãos retornados da ex-colónia, assunto cuja discussão foi iniciada mas que não terminou.

DESDE MAIO DE 1975

Mais de 300 actos terroristas

Eleva-se a mais de 300 o número de actos terroristas registados desde Maio do ano passado. A conta é do P. C. P. e consta dum comunicado emitido ontem a propósito do rebentamento duma bomba junto ao Hotel Vitória. No genérico «actos terroristas», o P. C. P. inclui ataques à bomba, assaltos, saques, fogos postos e atentados a tiro.

A propósito, a mesma organização lembra os actos terroristas mais recentes e de mais assinaláveis consequências: os assassinatos dum dirigente sindicalista no Porto, do padre Maximino de Sousa (candidato a deputado pela U. D. P. em Vila Real) e a destruição da Embaixada de Cuba em Lisboa.

«Há regiões inteiras, onde, servindo-se do terrorismo, a reacção fascista conseguiu restabelecer o seu poder local, como no distrito de Bragança, onde, após o incêndio e saque de todos os centros de trabalho do P. C. P., o nosso Partido não tem possibilidades de abrir novos centros de trabalho, porque os proprietários dos prédios temem alugar-lhe as instalações, com receio das represálias fascistas» — palavras do texto que o P. C. P. emite.

«Apesar de, em muitos casos, serem conhecidos e esta-

rem denunciados indivíduos directamente ligados às actividades terroristas, nunca nenhum desses elementos reacçãoários foi julgado e condenado» — diz o texto.

Por último: «O recrudescimento do terrorismo, desencadeado pela reacção após a sua derrota constitucional e eleitoral, comprova a urgência de se estabilizar a vida política nacional dando ao País as estruturas e a política democráticas que a Constituição e a vontade popular expressa nas eleições exigem, e defendendo com firmeza os princípios da ordem democrática e da Constituição».

INVESTIGAÇÕES

Ao fim da manhã soubemos que a Polícia Judiciária já avançara na sequência das investigações que está levando a cabo para descobrir os autores do atentado terrorista que ensombrou o 1.º de Maio.

Sabe-se, assim, que o automóvel destruído um «Fiat 127» tinha chapas de matrícula falsas e não possuía no interior qualquer elemento de identificação. A própria chapa com o nome do proprietário fora arrancada do «tablier». Tentando relacionar esta informação, com a outra, obtida, ontem no decorrer da nossa reportagem,

acerca do proprietário da referida viatura, que seria um turista francês que passou a noite de anteontem para ontem no Hotel Liz, soubemos que o referido senhor abandonou o hotel

pouco tempo depois da explosão da bomba, presumivelmente para regressar à sua terra natal que, de acordo com o registo do hotel é a povoação de Levesyet.

Não há gabinete ou grupo de apoio à candidatura de Pinheiro de Azevedo

Um comunicado do gabinete do Primeiro-Ministro, divulgado na noite do passado dia 30 de Abril desmente «formal e integralmente» notícias vindas a lume quanto à existência de um gabinete ou grupo de apoio com vista à preparação de uma eventual candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo à Presidência da República. O comunicado não exclui, no entanto, a possibilidade de tal candidatura, desde que respeitadas certas condições nele expressas.

É do seguinte teor o comunicado:

«1. — Contrariamente ao que tem sido referido por alguns órgãos de Imprensa não existe qualquer gabinete ou grupo de apoio, que teria como objectivo preparar a eventual candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo à Presidência da República. Tais notícias são integralmente falsas e ficam formalmente desmentidas.

«2. — Quando o Primeiro-Ministro desenvolve um conjunto de acções com vista a manter a estabilidade do VI Governo, contribuindo-se assim para

que o período de proposta de candidatos, campanha e eleição para o alto cargo de Presidente da República decorra com toda a normalidade e dignidade, a insistência com que se difundem estas falsas notícias não pode deixar de ser interpretada como uma deliberada intenção de instabilização e de ataque à acção e posição de independência do Primeiro-Ministro.

«3. — A posição do almirante Pinheiro de Azevedo quanto à sua eventual candidatura a Presidente da República continua a continuar a ser a que já várias vezes foi exposta: os candidatos deverão garantir simultaneamente, pelo seu passado, pelos seus actos e pela sua posição política a possibilidade de união entre as forças democráticas e a firme coesão das Forças Armadas como garante da institucionalização da democracia. Neste sentido o almirante Pinheiro de Azevedo condiciona a sua candidatura ao aparecimento de candidatos que, sem margem para dúvidas, reúnam as características referidas».

REGRESSAVAM DO FUTEBOL

Oito mortos e doze feridos no despiste dum autocarro

Ainda não está marcado o funeral de qualquer das oito vítimas do acidente de viação ocorrido na noite de anteontem a onze quilómetros de Coruche. Os intervenientes no acidente, trabalhadores da Francisco Batista Russo, regressavam a Lisboa num autocarro dos serviços sociais da empresa, depois de um jogo de futebol de confraternização com elementos da firma Comolex, daquela vila.

O acidente verificou-se quando o autocarro se despiu na curva do Carcavelo, indo embater violentamente num eucalipto. As vítimas são: José Francisco Conceição Rodrigues, 29 anos, casado, residente em Lisboa; António Moreira, 42 anos, casado, vivia na Amadora; José Domingos Baião, de 31 anos, Grândola; Manuel Henriques Rodrigues, 24 anos, casado, Lisboa; António dos Santos, 34 anos, casado, Odivel-

las; José Francisco Rações, 55 anos, casado, Moscavide; Germano António Marques Matias, de 37 anos, Póvoa de Santa Iria, e José Ferreira de 39 anos, de Odivelas. Dos doze feridos, alguns já regressaram a casa, enquanto Esequiel António Fariña, José Augusto da Costa Oliveira, António Maria Carvalho e Custódio Dionísio Monteiro continuam internados no hospital de S. José

Governador de Braga não sai

Teixeira de Melo deverá manter-se até às eleições para a Presidência da República, no cargo de governador civil do distrito de Braga, ao contrário do que chegou a constar após o apuramento final dos resultados eleitorais para a Assembleia da República.

A SAIR BREVEMENTE

uma nova colecção da Livraria Bertrand que apresentará os grandes nomes da moderna literatura latino-americana

colecção LATINAMÉRICA

uma edição